



Simone Ferreira
Antropóloga e professora

Os contos e as paixões de uma mulher que nasceu, cresceu e viveu a palavra liberdade

A fumaça do cigarro serpenteia no ar, dissipando-se com as intermináveis horas que Simone Simões Ferreira Soares vê passar à espera do último e tão ansiado beijo. As lembranças lhe chegam no galope do Poeta, intensas ou ternas, sussurrando-lhe ao ouvido a dor e a alegria de se ser quem se é. Aos pés, os grilhões que tentaram aprisioná-la durante a vida. Vãs tentativas. Simone, tal qual pássaro, sentiu sempre a necessidade de existir livre, de ser liberdade. Culpa de Fernando Ferreira – pai, mentor e deus. Simone, Electra alada.

Alçou, pois, voo de São Salvador – a mais linda vista de Guaramiranga, município a 110 km de Fortaleza – e pousou, com a graça subversora de um Amado ou de um Flaubert nos corredores católicos do colégio de freiras. Tornar-se-ia arauto do baú de transgressoras maravilhas que o Índex ocultava. Quantos santos terão sido testemunhas e platéia das paixões tórridas que aqueles homens e mulheres vivem até hoje? Ah, Simone, terá você desviado alguma daquelas meninas? Quantos mais caminhos terão se tornado outros por você os ter simplesmente cruzado?

Mulher de gênio, alterou sua própria rota ao abraçar-se com Darwin e sua origem do mundo. Fez-se antropóloga; desceu à miséria que se alimenta da lucidez humana; ascendeu à cúpula de uma das mais controversas práticas do país; encontrou as próprias limitações como pesquisadora; chorou. Simone, a do Jogo do Bicho. Referência nacional, modelo e meta de gerações e gerações de alunos que não se podem mais contar nos dedos. Simone e seu poder de fascinar mesmo quando não lhe resta tanto encantamento com os dias.

Parece só, apesar de todos os amigos e afetos que cativou na vida. Em sua casa, não se escuta mais nenhuma música. Os sentimentos e as lembranças escondidos atrás da porta lhe arrancam lágrimas copiosas, machucam a ferida viva de seu coração. Elis é um veneno. Mas ninguém se engane em acreditar que apenas tristeza verte dos olhos de Simone. Ela sempre soube que viver é melhor que sonhar e viveu sempre com a liberdade de um sonho.

Encontrou inúmeras paixões: intensas, fortuitas, frustrantes, proibidas... O amor dela, no entanto, só pertenceu a Francisco Alberto, o único homem que ela teve de abandonar, pois o único que já possuía seu coração. Deixou-o porque ser livre é sua condição de sobreviver. Simone, enclausurada, feneceria mais rápido que um bater de asas. Impossível imaginá-la assim. As grades jamais conteriam a alma dessa mulher!

Só o tempo – carrasco imortal, indestrutível, inevitável – sempre a amedrontou. Simone, vaidosa em cabelos de Eva, brincos exóticos e tecidos de todas as cores do mundo, não quer envelhecer. Aflige-lhe o peito pensar em existir castrada de autonomia e plenitude. Não... Simone está entediada, acredita que já viu tudo que precisava ver, ouviu todos os sons, provou todos os sabores. Acende um outro cigarro e toma um gole seco de *Ventisquero*, esperando ansiosa que o beijo frio da Morte venha roçar-lhe os lábios. Até lá, promete aquietar-se se encontrar uma paixão que não se incomode com o fumo e com a bebida. E saiba jogar baralho.

Equipe de Produção:
Érico Araújo Lima
Thais Jorge

Texto de abertura:
João Carlos Bento

Participação:
Allan de Lima
Caio Mota
Cleisyane Quintino
Érico Araújo Lima
João Carlos Bento
Natália Maia
Paulo Araújo
Renata de Lima
Tatiane Jovino
Thais Jorge

Fotografia:
Lara Vasconcelos



Entrevista com Simone Simões Ferreira Soares, dia 16 de setembro de 2010

Érico – Simone, a entrevista a gente organizou em três partes. A gente vai começar falando da liberdade na sua vida como valor importante... (*risos de Simone*) Como você falou na pré-entrevista pra gente. Num segundo momento, a gente vai falar do seu mestrado e, no terceiro, sobre o doutorado. Então, pra começar, dentro dessa idéia da liberdade que você valoriza: o que é viver com liberdade?

Simone – Érico, é assim: a liberdade começa pra mim porque eu fui criada com muita liberdade, certo? Vamos dizer: na minha geração, quando os pais proibiam de as filhas irem pra cinema, eu ia só... Pro cinema. Meu pai não se incomodava. E outro detalhe: filmes até dezoito, eu ia com quinze, dezesseis anos, papai sabendo, mamãe sabendo. (*Em época de*) Casamento da maioridade, (*eu*) chegava: "Mãe, me dá sua aliança de casamento". Eu botava no dedo, me sentia a própria, com 15, 16 anos, chegava, mostrava a aliança e entrava. Isso, papai sabendo, mamãe sabendo, inclusive com a aliança da mamãe. Isso era um escândalo (*ênfase*) pros pais das minhas amigas, e pra elas, com inveja de mim: (*imita as amigas dizendo*) "Ah, se o meu pai fizesse isso". Quer dizer, uma pessoa que foi criada desse jeito... Meu pai viajava, me deixava com os namorados, com um dos namorados, né... (*corrige, rindo*) Namorado, sabe? E não tinha problema, tinha a maior confiança em mim, e eu sabia respeitar essa confiança.

Então, eu era diferente nisso, diferente em ler. Todos os romances... Existia na época, nem sei se ainda existe, o Índex proibido da Igreja, né? (*o Index Librorum Prohibitorum era a Lista de Livros Proibidos da Igreja Católica, criada em 1559 no Concílio de Trento. Abolido em 1966 pelo Papa Paulo VI*). Quer dizer, hoje, não é tão rígido como era naquela época. Eu fazia questão, e o papai também nunca se incomodou de me dar. Saiu no Índex, lá estava eu lendo. Ou seja, com quinze, dezesseis anos, eu lia Jorge Amado, eu lia *O Crime do Padre Amaro*, do Eça de Queiroz, eu lia *Madame Bovary* (*do escritor francês Gustave Flaubert*), eu lia *Os Miseráveis*, do Victor Hugo. Isso tudo dado pelo meu pai. Eu conheço muito da literatura universal por conta disso, que eu comecei a ler precocemente (*ênfase*), in-

clusive depois até reli, porque acho que na época eu não entendia direito muito daqueles livros que eu tava lendo, certo?

A liberdade, respondendo a tua pergunta inicial, começou desde aí. Eu pequena... De ir pra colégio a cavalo, de bicicleta, ou a pé, ou de carro... Eu dizia assim: "Hoje eu quero ir a cavalo". Lá se ia eu a cavalo. Eram seis quilômetros, do sítio, lá pra cidadezinha de Guaramiranga (*município do Ceará, a 110 km de Fortaleza*), o sítio Canabrava, que é da minha família. Essa liberdade pra mim era a coisa mais natural do mundo. Quando eu via as pessoas achando aquilo um escândalo... Ou achavam escândalo ou tinham inveja, eram as duas coisas, né? Ou era escândalo ou era inveja.

E isso eu passei pros meus filhos, certo? Foram criados com muita liberdade, e eu paguei um preço muito grande por isso, porque o Dráulio, quando tinha 19 anos, eu estava em Brasília, (*o Dráulio tinha*) 19 pra 20 anos, (*eu*) fazendo doutorado, ele liga pra mim e diz: "Mãe, você me deu liberdade demais, e eu não sei o que é que faça com ela". Eu enlouqueci. Se eu tivesse castrado este menino, ele estaria me ligando: "Mãe, você me castrou, eu sou um complexado, eu sou isso...". Se eu dei liberdade demais, eu digo: "Ah, meu filho agora não sei não, resolva e saiba usar a sua liberdade que a sua mãe lhe deu". Hoje em dia ele ri. Eu digo: "É, você tá rindo hoje". (*Retoma uma frase de Dráulio*) "Mãe, eu era muito idiota mesmo, te ligar, dando interurbano..." Pra me dizer que eu dei liberdade demais? Ele hoje ri disso, mas naquela época eu quase enlouqueço, dizendo: "Será que eu errei, será que eu não errei e onde foi que eu errei, né?". Mas hoje em dia eu criaria tudo do mesmo jeito, sabe? Depois ele mesmo agora está me agradecendo.

Caio – Simone, essa sensação de ter liberdade demais e não saber o que fazer com ela, você também sentiu isso com seus pais?

Simone – Eu não... (*rindo*) O idiota foi só ele, eu não (*risos da turma*). Eu, de jeito nenhum (*ênfase*). Eu estou dizendo que, hoje em dia, ele ri, sabe? "Mamãe, que besteira". Eu não. Que é que eu ia dizer? Se eu me sentia a pessoa mais diferente de todas as minhas amigas, por causa dos livros proibidos

A indicação do nome de Simone Ferreira veio de Thais Jorge, aluna da professora em cadeiras de Antropologia no Departamento de Ciências Sociais da UFC. Simone foi uma das mais votadas pela turma.

Logo que recebeu o convite, Simone, lisonjeada, disse que não estaria à altura dos outros colegas já entrevistados pela *Entrevista*: Glória Diógenes, Peregrina Capelo, Alexandre Fleming, Jawdat Abu-El-Haj.

No dia em que a equipe de produção foi receber os trabalhos acadêmicos de Simone, ela disse: "Ave Maria! Não é possível que eu não morra agora, que eu tinha dito que nunca mais ia dar entrevistas".

dos, né? E ainda tinha uma coisa: as irmãs, que eram lá do Santa Cecília (o colégio, do Instituto das Damas da Instrução Cristã, congregação de irmãs belgas, localizava-se no bairro Benfica, em área onde hoje está a Faculdade de Arquitetura. Atualmente, fica no bairro Aldeota), sabiam que eu lia (os livros proibidos) e diziam assim: "Tá bom, seu pai que dá, ninguém pode proibir que você leia, mas não conte pra suas colegas". Era mesmo que dizer "conte". Tinha aquelas histórias de recreio... Eu ficava lá contando, sabe? *Amante de Lady Chatterley* (do escritor inglês D.H. Lawrence), *O Crime do Padre Amaro*, *A Carne*, do Júlio Ribeiro (escritor mineiro do século XIX, representante do naturalismo). Elas (as amigas) ficavam tudo assim, coitadas... Assim, morrendo de inveja, num misto de inveja e essa coisa toda...

João – E como é que as freiras reagiam?

Simone – Eu era assim uma boa aluna... Só não era em Matemática, né? Matemática, eu sempre quando tirava um dois, festejava (risos da turma). Agora, nas outras disciplinas, quando eu tirava um nove, chorava, que se pensava que eu tinha saído reprovada, (mas) era porque eu tinha tirado um nove. Somente em História, eu não podia... Ave Maria! Eu nunca perdi, realmente, um dez em História.

As irmãs sabiam disso. Era isso que elas diziam: "Eu sei que você lê, a gente não pode proibir, porque você lê na sua casa, seu pai é quem dá. Não fale o conteúdo dos livros pra suas amigas". Eu falava. Agora, eu acho que elas faziam vista grossa, sabiam que eu falava, mas faziam de conta que (eu) não falava, né? Porque eu também era: (enumerando nos dedos) oradora oficial do colégio, capitã do time de vôlei e presidente vitalícia (ênfase) – porque todo ano eu era a eleita – do grêmio (estudantil), porque tinha grêmio, colégio nessa época tinha grêmio...

Eu adorava as freiras do Santa Cecília.

Quando eu casei... Elas não podiam ir ao casamento, elas não podiam ir pra igreja – agora, a gente vê freira em todo canto, mas, naquela época, não. E elas diziam assim: "Eu gostaria de ver você casando". Eu digo: "Pois assim que o casamento acabar, eu passo aí". Eu disse mais ou menos que horas era o casamento. Quando eu cheguei com o Francisco Alberto, meu marido, eu me lembro que (uma das freiras) olhou pra ele e disse assim: "Cuide bem dela". Eu que dei uma doida, que separei. Ele cuidou muito bem, cumpriu à risca os conselhos dela. Eu é que não, né? (sorrisos).

Thais – Simone, você falou sobre seu pai até agora. Eu queria saber como era a relação com a sua mãe e se ela não ficava preocupada (risos de Simone) com tanta liberdade numa criança?

Simone – Não, mãe ia na onda do pai, sabe? E, quando ela queria frear um pouco, eu dizia: "O pai deixou". Sabe? Quando eu dizia assim: "Ah, o pai deixou", ela dizia: "Não, o seu pai, dessa vez, ele disse que não". Acho que foi uma época que eu tava querendo ir pra festa todo dia, todo dia. (Relembrando frase da mãe) "Não, seu pai disse que esse negócio de festa todo dia...". Eu tinha uns 15 anos, por aí... (A mãe dizia:) "Daqui a pouco esta menina está sendo chamada de pão de ló de festa". Só que ele (o pai) não me dizia, ele dizia pra mamãe me dizer! Eu me lembro duma frase da mamãe, dizendo assim: "É, pra vocês, eu sou a megera, e o pai é o pai esplêndido". Por conta disso: porque ele não tinha coragem de frear a gente não. Ele dizia: "Ó, Nanda, fala pra elas" – que era Fernando e Fernanda, a maior coincidência... O papai era Fernando (Fernando Ferreira) e mamãe, Fernanda (Fernanda Caracas Simões), e ela o chamava de Fred e ele a chamava de Nanda. E ela

Simone recebeu a equipe de produção com o livro Confissões, de Darcy Ribeiro, na mão. E foi logo mostrando a dedicatória feita pela aluna Juraci Cavalcante, a quem ela se refere inúmeras vezes durante a pré-entrevista.



dizia que ele dizia: *(em tom de sussurro)* "Nanda, fale pra Simone que ela tá indo pra festa demais, pra refrear um pouco". Sabe? Ele não tinha coragem de dizer não *(risos)*. Mas a mamãe ia na onda, a mamãe era legal que só e me adorava também. Eu era porque tinha uma fixação mesmo: eu sempre tive um complexo de Elektra *(conceito originado da psicanálise, um complexo de Édipo feminino, diz respeito ao desejo de a filha possuir o pai)* assumido com meu pai, sempre tive.

A minha mãe, ela me adorava... Inclusive, quando eu fui fazer o mestrado *(em 1977)*, ela veio pra cá *(refere-se à casa onde mora)*, pra ficar com meus dois filhos... Que o Daniel tinha dois anos e meio, né? Ela veio, saiu da casa dela, veio pra cá, pra ajudar o Francisco Alberto a tomar conta deles dois e tudo. Ela era assim, ela tinha uma adoração a mim. Até meus irmãos, às vezes, me criticavam, diziam: "Simone, tu às vezes é meio grosseira com a mamãe, e ela te adora". Eles tinham ciúme, dizendo que eles tratavam ela melhor do que eu. Era como se ela gostasse mais de mim do que dos outros.

Caio – Mas você se achava grosseira com ela?

Simone – Achava, sabe? Eu queria refrear um pouco, mas às vezes eu não conseguia *(ri)*. Porque era assim: de vez em quando, ela queria se meter... Já que nunca se meteu, como é que eu, já casada, adulta, ela queria se meter na minha vida? Eu dava uns gritos mesmo, eu dava, sabe? Eu dizia: "Mãe, quando eu era pequena *(ênfase)*, você não tinha nada a ver com a minha vida, por que é que você tá querendo agora? Que é que você tem a ver?". É porque ela adorava meu marido, sabe? Já sabia das minhas doideiras, e eu querer separar e tudo... Ave Maria! Ela só faltou morrer, quando eu separei, sabe? Ela não admitia, ela achava que ele era maravilhoso, que eu era uma louca de estar separando... Eu tinha que refrear ela, né? "Não tem nada a ver com isso. Eu quero separar, porque eu quero separar, e vou separar, e pronto e acabou". Paguei um preço muito alto... Olha, chegou o ponto... Essas minhas amigas burguesas, essas certinhas, elas não vinham mais aqui na minha casa no dia do meu aniversário. E nem me convidavam mais pras festas na casa delas... Não me convidavam... Eu digo: *(em tom mais baixo)* "É, minha filha, mas tem umas outras que me convidam, então pronto..."

Natália – O que é que você acha que te diferencia dessas tuas amigas burguesas?

Simone – Tudo *(risos)*. Tem umas que me invejam. Tem outras que me cortam, mas me cortam... De mais do que doída pra baixo.



Natália – Mas por que burguesas?

Simone – Porque são muito ricas, realmente, né? E o papai era o lado pobre da família, né? Minhas primas e tudo... Tem a Gena, que é a mais parecida comigo, a Maria Eugênia... O pai dela era dono da Ypióca *(empresa cearense produtora de aguardente à base de cana)*... A Gena *(ri)* é muito parecida comigo... Quando papai viajava e mamãe viajava, ou a Maria Eugênia ia lá pra casa, ou eu ia pra casa dela. A Gena, com 16 anos, o tio Paulo deixava o carro... Naquela época *(por volta de 1959)*, não tinha quase trânsito aqui... E a Gena dirigindo sem carteira, sabe? E a gente aprontava nessa cidade. E ela dirigia bem, mas ela fazia muita doideira. E eu deixava também... Na *(Avenida)* Dom Manoel, tinha um canteiro, que tinha umas árvores, não tinha nada de asfalto, não tinha nada, era tudo calçamento. Ela ficava ziguezagueando nas árvores, na Dom Manoel *(ri)*...

Uma dessas vezes, a gente vinha ali na *(Avenida)* Duque de Caxias... Ela, à toda *(velocidade)*... Vinha uma Kombi, com duas freiras, uma das freiras dirigindo... Só foi a conta, de bater na Kombi, a Kombi virou. Eu digo: "Pronto, agora sim. As freiras morreram, morreu todo mundo..." *(risos da turma)*. Ainda bem que as freiras não morreram, se levantaram e tudo. Foi aquele negócio, ela *(a prima)* assumiu tudo... *(Imita a prima)* "Eu sou filha do Paulo Campos Telles, dono da Ypióca". Aquela coisa... E ela se responsabilizou, deu o endereço pras freiras e tudo. Quando chegou no dia seguinte, o carro todo acabado... Mas ainda deu pra gente chegar em casa, o carro

A pré-entrevista com Simone teve de acontecer em dois dias. No primeiro, foram três horas de conversa. Simone, cansada, disse que ainda tinha muito para contar e marcou novo encontro.



No outro encontro, Simone falou por mais três horas e abriu sua casa para a produção. Mostrou bilhetes que recebeu dos alunos, discos, livros, relíquias guardadas com carinho, além dos brincos bem grandes que gosta de usar.

O filho de Simone, Daniel, conversou com a produção. Bem mais tímido que a mãe, falava de forma mais contida, e a conversa durou cerca de trinta minutos.

dela... Era uma Aero Willys (*marca de carros de passeio populares nos anos 1950-1960*)... O Aero Willys todo... A frente toda acabada. Quando a gente esperando que o tio Paulo e a tia Maria Augusta chegassem (*de viagem*)... E ela disse: "Simone, tu diz". Eu digo: "Eu? (*ênfase*). Eu digo não, eu era tua hóspede!" – olha como eu era. Pronto. Pois ela disse: "Então eu vou dizer primeiro pro papai". Quando foi dizendo, o tio Paulo, a primeira pergunta (*que fez*): (*faz tom sério*) "Alguém saiu ferido? Alguém sofreu alguma coisa grave?". Ela disse: "Não, não, tá aqui o endereço das freirinhas...". Ele disse: "Ah, eu compro outra Kombi pras freiras, e pronto". A tia Maria Augusta enlouqueceu: "É por isso que essas meninas são desse jeito. Ainda vem mais esta louca, também". Lá vai a culpa pra mim também, né?

Allan – Simone, de ter essa liberdade toda, você acha que fez alguma coisa de que se arrepende hoje?

Simone – Não, sabe, eu não me arrependo não, porque essa liberdade que eu passei pros meus filhos, eu me dei (*ênfase*) essa liberdade quando eu separei de um marido maravilhoso (*ênfase*), que... Esse preço foi muito alto... Quando eu assumi essa liberdade, eu me dei, né? Em 82, quando eu separei dele (*de Francisco Alberto*), ele olhava pra mim, e ele era louco por mim... Sabe, todos os amigos, a família, todo mundo ficou contra mim. Eu realmente... Eu segurei a barra só, porque eu fui literalmente (*ênfase*) estigmatizada por todo mundo.

Menos o Gegê, o Geraldo Markan (*nasceu em Fortaleza, em 1929, autor de contos e peças de teatro*), que era um professor da faculdade, morreu, foi o maior amigo que eu tive na vida até hoje. Eu gostaria de dizer isso, publicamente. Gegê morreu em 2001. Eu já conhecia o Gegê antes de eu entrar na faculdade, eu solteira já conhecia o Gegê. E Gegê foi um guru pra mim. Nada podia acontecer na minha vida que eu não falasse pro Gegê. E parece que era assim: as coisas só tinham vida, só tinham sentido, depois que eu contava pra ele. Quando eu estava resolvida a separar, eu falei pra ele: "Gegê, tá todo mundo contra mim". Ele só fez olhar pra mim e disse: "Se você acha que deve tomar essa atitude, tome! Não fique sendo infeliz, porque você vai fazer ele infeliz também." Me deu a maior força... Meu marido, quando olhou pra mim, disse: "Onde foi que eu errei? Por que é que você quer separar?" Eu disse: "Você é perfeito, você não errou em nada. Eu estou separando por conta de uma só palavra, isso me seguiu a vida toda, chamada liberdade". Ele disse: "Mas eu lhe dou liberdade". Eu disse: "Mas só que eu

quero uma liberdade total".

Tatiane – Simone, depois que você se separou, você resolveu não se comprometer com mais ninguém...

Simone – ...Porque nunca deixava pegar no meu pé, né? Tu imagina a contradição: eu deixar um cara apaixonado por mim, um relacionamento maravilhoso. Se fosse pra eu ficar com outro cara, pra ele me tolher... Era melhor internar, né? Porque, se fosse pra me tolher, eu ficaria com meu marido. Se eu separei dele só por conta dessa palavra "liberdade"... Eu tive milhares... Nem me pergunte quantos relacionamentos eu tive, que eu perdi a conta realmente. Sabe? Igual àquela personagem da (*ri*) Arlete Salles (*atriz da Rede Globo*), que dizia assim... Como era que ela dizia?

Caio – "Prefiro não comentar" (*bordão da personagem Copélia, interpretada por Arlete Salles no programa "Toma lá, dá cá", veiculado pela Rede Globo*).

Simone – "É melhor não comentar". Mas nenhum (*ênfase*) pega no meu pé.

João – Mas você amou algum deles da mesma forma que amou o Francisco Alberto?

Simone – Não, eu acho que o Fransquerto (*Francisco Alberto*) foi a grande paixão da minha vida, sabe? Teve umas aventuras loucas e tudo, que eu mergulhava muito de cabeça, contanto que não me tolhesse. Mas ele não... Ele foi uma pessoa assim... Que me fez casar, né? (*risos*) Porque realmente foi muito forte, né? A gente tem aquelas paixões enlouquecidas, né? Eu curti muito a vida mesmo.

E eu meti na minha cabeça que eu ia morrer com 50 anos e não morri, né? Que eu tô já com 16 de saldo... Que eu não sei por que é que eu não morro, que a Medicina já me matou 500 vezes, mas eu não morro nunca. E, então, quando eu separei, que eu tinha 38 anos... Eu vivi intensamente, que eu digo assim: "Bom, só tem 12 anos de vida, né? Vou morrer com 50..." – eu determinei que ia morrer com 50. Vivi meses (*ênfase*), mas de uma intensidade que ninguém me agüentava! Até hoje, dessa idade, eu fico, nesse deque (*refere-se ao deque do quintal da casa dela, onde aconteceu a entrevista*), até oito horas da manhã... Começando a beber meio-dia no bar. Só que é muito difícil encontrar uma pessoa pra me agüentar, realmente é. Porque, se eu queria morrer com 50 anos, eu tinha de fazer tudo que eu tinha vontade, né?

Caio – Esse fato de você não se prender a ninguém, isso não acaba... Em algum momento, você nunca se sentia solitária?

Simone – Nessa época, não, meu filho,

Daniel contou que, certa vez, fez o papel de grama em uma peça: vestia-se como grama e ficava parado no palco. A mãe, que não pôde assistir à apresentação, pediu a Daniel para vestir em casa a roupa do "personagem".

porque basta um (*ênfase*) aqui... Já tava aqui, já tava chegando, tinha dois, três na fila. Era todo tempo assim.

Caio – Mas hoje?

Simone – Mas hoje sim, hoje sim. Agora o pior é o seguinte: os caras da faixa etária de 60 anos só querem (*mulher*) de 25 (*anos*) – 30 já é coroa. Isso, acho que, de mil, se tira um... Existe uma exceção, e eu tenho um amigo que diz assim: “Simone, mas tudo tem exceção, deve ter alguma exceção”. Eu digo: “Pois, então pronto, eu vou ficar esperando por essa exceção”. Sabe, um cara da minha faixa etária... Eu deixo até ele me tolar um pouquinho... Mas na minha bebida, no meu cigarro, jamais! Se quiser ficar só em casa, vendo filme, conversando, discutindo livros, eu fico. Então, se eu encontrasse um cara com mais de 60 anos, que me deixasse beber e fumar, eu, num instante, ia ficar bem quieta... Sabe, se eu tivesse com uma roupa muito exagerada, e ele dissesse pra eu tirar, eu tirava, porque antigamente ninguém ousava falar isso... Eu estou quieta, sabe? Eu estou querendo ficar quieta... Mas com uma grande paixão, porque eu sou movida à paixão. Olhe, faz quatro meses só que eu estou sem ninguém, quatro meses só... Já estou assim... Desesperada que essa exceção apareça! Porque, se não aparecer, pra garotão eu também não fico. Não é possível que eu não morra, né? Porque quem quer morrer há não sei quanto tempo...

Há seis anos, (*em*) 2004. Os médicos me deram seis meses de vida... Que fiquei toda feliz... (*Pensei:*) “Pronto, agora morro mesmo”... E faz seis anos, né? Em janeiro, fez seis anos... É uma loucura uma coisa dessas. Mas me deram mesmo... Chamaram toda a família e disseram: “Ela não sai da UTI (*Unidade de Terapia Intensiva*)”. Saí. Quando eu saí da UTI, (*os médicos disseram:*) “Saiu, mas tem seis meses de vida, se voltar a fumar e beber”. Quando eu saí da UTI, fiquei no quarto (*do hospital*) ainda uns vinte dias. Quando eu cheguei em casa, assim que eu cheguei, a primeira coisa que eu fiz foi acender um cigarro, porque fazia 20 e tantos dias que eu não fumava. E faz seis anos isso. E nunca mais senti nada.

Renata – Mas, Simone, você falou que cansou um pouco...

Simone – ...É, agora sim.

Renata – Já está um pouco mais quieta... E até mesmo na pré-entrevista, tinha falado que está achando tudo muito besta.

Simone – Tudo!

Renata – Você acha que a liberdade cansa?

Simone – Cansa, a minha eu cansei.

Sabe por quê? Eu separei em 82... De 82 pra cá, (*eu sou*) dona da minha vida. Tem hora que você gostaria que alguém dissesse: “Não faça isso...” Sabe? Ou dar satisfação... Não dou. O máximo é... Quando eu saía, antes de 2004, que o Daniel dizia (*ri*)... Eu não estou dizendo? É diferente de todas as casas. Quando vocês saem, que os pais dizem, né? “Cuidado, não vão beber muito, olhe pra não chegar muito tarde...” Aqui era o Daniel comigo: “Mãe, não vá beber muito, mãe. Se você só for chegar de manhã, me avise, mãe” (*risos*). Eu: “Tá, meu filho, eu aviso. Se eu for chegar só de manhã, eu aviso.” Mas isso era constantemente, constantemente. Eles é que ficavam me refreando: “Mãe, beba menos. Mãe, beba menos. Mãe, cuidado, mãe. Fume menos.”

Tatiane – Mas, sobre a criação dos filhos, você mudaria alguma coisa nessa criação?

Simone – Eu não. Depois que o Dráulio ri, faz é gozação, né? Porque é impossível, minha filha... Você dá uma liberdade de mais a um filho... Mas eles tinham um amor, eles não tinham a minha presença. Mas eu dava, o quanto eu pudesse, o que eu pudesse, eu dava. Quando estava doente, então, parava o mundo, parava a antropologia, parava tudo.

Então, ah... E levar menino comigo pros cantos... A partir de sete anos de idade (*ênfase*). Antes de sete anos, jamais saíam de casa...

Tatiane – Isso, de forma alguma, afastou eles de você?

Simone – Não (*ênfase*), de jeito nenhum, ficavam em casa, porque lugar de criança é em casa. Nada de ficar gritando... Negócio de menino espernear... Nunca espernearam, nunca exigiram nada... Era porque tinham o espaço, a liberdade toda deles... Tá aqui o

“A mamãe ia na onda, a mamãe era legal que só e me adorava também. Eu era porque tinha uma fixação mesmo: eu sempre tive um complexo de Elektra assumido com meu pai, sempre tive.”

A reação de estímulo e empolgação de Simone foi a mesma de outras ocasiões. “Eu era grama, e mesmo assim ela se empolgou”, contou Daniel, rindo.

Simone emociona-se bastante quando fala do dia em que ela e o filho Daniel assistiram ao filme *Adeus, Lênin*. Ela diz que o filho faria a mesma coisa que o personagem Alexander fez pela mãe (*no filme alemão de 2003, uma apaixonada pelo socialismo acorda do coma numa Alemanha reunificada – cabe ao filho manter a aparência do regime político derrubado*).

Simone tem somente um neto, Caíque, filho de Dráulio. No início, ela não queria ser chamada de "avó", por conta da idade. No entanto, ficou muito emocionada quando o neto chamou pela primeira vez.

seu quarto, você pode pintar a parede do jeito que quiser, virar móvel... Só tomavam banho na hora que queriam, só almoçavam na hora que queriam... Tudo era assim! Então, eles sabiam... Eu não tinha esse negócio de me sacrificar. Eu nunca me sacrifiquei por ninguém. Eu não me sacrifico não, eu sou muito egoísta. Primeiro, sou eu, segundo sou eu, terceiro sou eu (*ri*). Não me sacrifico mesmo (*ênfase*).

Quando eu fui fazer o doutorado, eu já estava separada. Mas, no mestrado, como eu disse, mamãe veio ficar aqui com eles (*os filhos*) e o pai... Primeiro, era a antropologia, depois, meu marido, terceiro, eles. Era nesse esquema. O Daniel tem uma fixação em mim, o Daniel é louco, louco por mim... Louco por mim.

Agora, se eles vão criar os filhos deles desse jeito, Deus é quem sabe. Quer dizer, o Dráulio cria o Caíque, mas ele dá um freio no Caíque.

Érico – O Daniel falou que acha que o fundamental é a cumplicidade. Não daria muita... Imporia limites. Você acha que...

Simone – ...O Daniel disse? (*surpresa, sorri*). Acho que vai impor, viu? (*risos da turma*). Porque o pai dele queria impor, eu que não deixava. Agora, eu não acredito que ele vá criar os filhos dele (*do mesmo jeito que ela*), principalmente ele que é igual ao pai – porque o pai eu controlava pra não ser assim –, eu acho que ele vai frear os filhos dele, eu acho. O Dráulio dá uns freios no Caíque, o Dráulio dá. Quer dizer, dá assim... O Caíque tem a liberdade dele, o Caíque, de vez em quando, fuma um haxixe lá e tudo... O Dráu-



Dos inúmeros homens que já teve na vida, Simone diz que na entrevista somente dois poderão ser citados: o marido Francisco Alberto e o ex-namorado Nelson Augusto, jornalista da Rádio Universitária FM.

lio sabe, como comigo aqui, maconha, né? Quando ele tinha 16, 17 anos, um cigarrinho aqui, outro acolá... E ele deixa o Caíque fumar haxixe, mas ele pega pesado (*ênfase*) na faculdade. Ele não pode tirar uma nota baixa. E eu nunca olhei nota, eu nunca me preocupei com nota, sabe? (*Dizia:*) "Tem de estudar, porque se não estudar, vocês não têm nada na vida. A única coisa que vocês têm é a profissão que vocês tiverem, né? Porque senão..."

Allan – Simone, sobre esse desejo que você tem de morrer, quando foi que ele surgiu?

Simone – Com 17 anos, 16...

Allan – Mas ele está relacionado com a morte do seu pai?

Simone – Não! Meu pai queria morrer com cem anos, (*mas*) morreu com 50. Olha aí a ironia do destino. Quando eu adolescente, com 16 anos, dizia já isso: "Ave Maria! Que eu (*não*) passe dos 50 anos, que eu não quero envelhecer!". Papai me dizia assim: "Minha filha, não diga uma besteira dessas. Pois eu quero morrer com cem. A vida, só pelo fato de a gente ter nascido, já é uma coisa linda. Você tem é que viver. Você não é feliz e tudo..." Né, aquela coisa. Eu: "Pai, eu não quero é envelhecer. Eu posso estar a mulher mais feliz do mundo, com 50 anos de idade. Mas eu quero morrer, para não envelhecer." Ele morre com 50 anos, querendo morrer com cem. E eu estou nesta idade, não morro... E tudo indica... Parece que eu vou ficar... Sei lá, vou ser canonizada em vida. Porque não pode uma coisa dessas, né? E meu pai morreu com 50 anos, que eu não me conformei nunca. Eu passei 17 anos pra superar a morte dele. O cara morrer com 50 anos de idade, lindo, maravilhoso como meu pai era... Ave Maria! (*sorri*)

Caio – Como é que seus filhos vêm esse desejo?

Simone – De morrer? Eles nunca se conformaram. Quando o Daniel tinha dez anos, chegou perto de mim e disse: "Mãe, quando tu morrer, eu vou sofrer igual como tu sofreu, quando o teu pai morreu". Eu chamei o menino: "Meu filho, é totalmente diferente. A sua mãe quer morrer porque não quer envelhecer. O seu avô era diferente: ele queria viver..." E contei toda a história e tudo... Ele disse: "Não, mãe, mas eu vou morrer de sofrer, se você morrer." Agora eu fiquei batalhando na cabeça deles o tempo inteiro... Claro que eles vão chorar e tudo, mas não vão se descabelar não. Se fosse com 50 anos, talvez, né? Porque, com 50 anos, eu entrei numa crise de depressão muito grande, exatamente por conta da crise de 50 anos. Quando eu vi que não tinha

morrido, não podia me matar... Não posso me matar, né? Porque eu perco um seguro caríssimo que eu pago pra eles... Porque perde, tem uma cláusula bem grande: se for suicídio, não paga um tostão! Eu digo: pronto, até isso! A pessoa que tem toda liberdade do mundo, não tem liberdade de dispor da própria vida... Olha a ironia do destino na minha vida, né? Quer dizer, eu me dei toda liberdade, eu dei toda liberdade aos meus filhos, tive toda liberdade do meu pai, né? Essa minha autoliberdade... Agora, liberdade pra determinar a minha morte, eu não posso.

Paulo – Simone, mas qual o porquê de não querer envelhecer?

Simone – Ora, tu achas? Tu achas que eu tenho cara de ficar dando trabalho a filho (*ênfase*), já que eu nunca me sacrifiquei por eles? Eu só penso assim... Num mal de Alzheimer, eu só penso numa cadeira de rodas, toda troncha... Tu estás doido? Não é possível, rapaz, que bebendo e fumando do jeito que eu bebo e fumo, desse ano passe, não é possível! Por isso que, quando a Thaisinha disse (*fez o convite para a Revista Entrevista*), eu digo: "Pronto, tá, vai ser assim... O último ano, da minha morte, sair numa revista dessa". Que eu morria de achar linda a revista, morria de elogiar. Parece um aviso, parece assim que vocês vão coroar pra minha morte.

Agora eu quero todo mundo no meu enterro, porque eu quero o enterro mais badalado desta cidade! O Nelson Augusto (*jornalista da rádio Universitária, da UFC*) já sabe: botar na rádio Universitária de cinco em cinco minutos... (*risos da turma*). Tem que botar: "Morreu a professora, antropóloga, Simone Ferreira. Morreu Simone Ferreira...". Que é pra todo mundo... Eu tenho um aluno, que eu digo que ele é meio desocupado... Pois foi fazer as contas de quantos alunos eu tive em 37 anos de magistério... Segundo ele, tem mais de 12 mil. Vamos botar que uns seis mil vão pro meu enterro, já pensou? Vai ser a coisa mais apoteótica (*risos*). É que eu não vou ver, né? (*risos*) Que eu também não acredito em vida depois da morte...

Cleisyane – Simone, o Daniel falou que passaria pela mesma dor que você passou quando perdeu o pai...

Simone – Pois é, eu pensei que ele tinha superado isso, meu Deus... Não superou, né? (*tom triste*)... Porque eu fiz a cabeça dele dizendo isso... Mas ele ainda acha isso, é? Oh, meu Pai do céu...

Érico – Ele fala, inclusive, que, quando era criança, achava mais natural do que hoje.

"Eu disse: 'Eu estou separando por conta de uma só palavra, isso me seguiu a vida toda, chamada liberdade'. Ele disse: 'Mas eu lhe dou liberdade'. Eu digo: 'Mas só que eu quero uma liberdade total.'"

Simone – *Viiish...* Agora, sim (*risos*). Ai, meu Deus, eu não me vejo, eu não me vejo, com 90 anos de jeito nenhum... Com 80 anos... Nem com 70... E tá perto, né?

Thaís – Simone, eu queria saber agora como foi ficar longe do seu marido e dos seus filhos na época em que você foi presa pela ditadura? (*Simone foi presa em 1970. Ela ficou dois meses e dez dias no 23^oBC, em Fortaleza*)

Simone – Pois é, aí é porque eles nunca achavam... Quer dizer, eu nunca achei que eu ia ser solta, né? Porque eles me ameaçavam, que eles iam me matar... Era aquela coisa, eu digo, o que é que eu vou poder fazer, né? Ficar sem meu marido... Só tinha o Dráulio... Mas é como eu disse: na frente deles, nos interrogatórios, Thaisinha, nunca, nunca eu derramei uma lágrima, na frente deles. Agora, quando eu ficava lá totalmente incomunicável, eu me desabava. Chorava, chorava... "A partir de amanhã" – que eles ameaçavam – "a partir de cinco da manhã, você vai pra Fernando de Noronha". E a gente sabia que quem ia pra Fernando de Noronha não voltava mais nunca, né? Mas nunca fui (*o território de Fernando de Noronha, hoje distrito estadual de Pernambuco, é situado no oceano Atlântico, a 545 quilômetros de Recife. Antes de se tornar paraíso ecológico e turístico, era presídio para presos políticos, desde a ditadura de Getúlio Vargas*). Eu encarava isso: "Pronto, nunca mais vou ver meu marido e meu filho", porque eu digo que eu sou exagerada, eu não sou escandalosa. Eu nunca fiquei me esperneando lá, gritando, me descabelando... Eu chorava ali, sim, chorando e tudo... "Nunca mais vou ver meu marido e meu filho"... Pronto e acabou. Dia das mães, que eu passei lá me lembrando dele pequenini-

Simone Simões morreu durante um tempo em Sobral, onde dava aulas de antropologia. Ela diz que os alunos fizeram um abaixo-assinado para que ela ensinasse por mais tempo na cidade.

A produção conversou também com Olíndina, ex-aluna de Simone. Ela contou que Simone foi a primeira professora de outro departamento a ser homenageada no curso de História da UFC.

Às vésperas da entrevista, entramos em contato com Simone, para confirmar a data do encontro. Ela disse que estava bastante nervosa e só pensava no dia em que ia ser entrevistada.

no, longe de mim, né? Dia das mães... Mas, na frente desses militares filhos da puta, eu nunca derramei uma lágrima.

Tatiane – E o que eles alegavam, quando você foi presa?

Simone – (risos) Bom, é tanta coisa... Primeiro, o papai tinha morrido em dezembro (de 1969) – o papai foi preso nove meses, mas em 64. Quando eles descobriram que eu era filha do Fernando Ferreira, foi que a coisa complicou, né? (O pai de Simone foi integrante do Partido Comunista Brasileiro – PCB) E, coincidentemente, tinha havido o primeiro seqüestro de avião no Brasil, e eles cismaram que tinha sido eu. Diziam assim: “Você foi a mentora intelectual do tal do...” Diziam o número do vôo, de tudo. Eu olhava pra eles e dizia: “Não fui, mas gostaria de ter sido”. Eles enlouqueciam. Era seqüestro de avião e assalto a banco... (Os militares dizem) Que eu era mentora intelectual... Claro que eu adoraria ter sido, né? Quem era que não queria ser mentora intelectual de um assalto a banco e do primeiro (ênfase) seqüestro de avião do Brasil? Era a glória total. Eu dizia assim: “Não fiz, mas gostaria de ter feito”. Por conta disso... São tão idiotas que eles sabiam a minha vida toda, eles vasculharam tudo... Eu não tinha passaporte nenhum, como era que eu tinha saído do País? Eu me lembro que um olhou para o outro e disse assim: “Está vendo? Pra agir desse jeito, mesmo sem ver o marido” – e olha que o Dráulio tinha menos de três anos... Ele dizia: “Tá vendo? Só pode ter sido doutrinado em Moscou pra agir dessa forma”. Ora, eu digo: “Ave Maria! Adoraria ter sido, mas nunca fui, nunca saí do Brasil, vocês sabem muito bem disso” – eu ainda queria discutir com ele – “Vocês sabem muito bem que eu nunca saí do Brasil”... Mas eram umas coi-

“Vivi meses (ênfase), mas de uma intensidade que ninguém me agüentava! Até hoje, dessa idade, eu fico, nesse deque, até oito horas da manhã... Começando a beber meio-dia no bar.”

A produção agradece a Narcélio, motorista de Simone que nos dava carona. Íamos ao terminal do Papicu, e Narcélio ia nos buscar para levar até a casa de Simone.

sas assim absurdas, absurdas... Depois me soltaram, com a cara mais lisa do mundo... Eu não assinei nada! Saí sem assinar nada! O castigo foi passar dois anos sem ensinar, né? Mas me deixaram terminar a faculdade, olha as contradições dessa ditadura! Eu terminei em 71, entrei em 68. Lá (na prisão) eu só me agoniava isso, porque eu queria ser antropóloga, eu nasci pra ser antropóloga... Quer dizer, eu com 15 anos, eu determinei que eu queria ser antropóloga. Eu digo assim: “Bom, não vão me deixar voltar pra faculdade de jeito nenhum... Se eu sair daqui, né... Se não me matarem... Eu nunca mais vou continuar a minha faculdade”. Saí, e no outro dia, estava na sala de aula. Sabe? Os professores deram todas as notas... O Diatahy (Bezerra de Menezes), o André Haguette (professores do Departamento de Ciências Sociais da UFC)... Eu agradeço isso publicamente... O Agamenon Almeida, lá da (Faculdade de) Economia... Gegê... Me deram todas as presenças, as notas e tudo. Isso em 70, eu fui presa em 70.

Então, eu terminei a faculdade, né? Fiz o concurso (para professor) em 73... Teve o concurso, primeiro concurso... Eram duas vagas, e eu fiquei... Eram nove candidatos e duas vagas, e eu fiquei. Na hora de entrar em sala de aula, o SNI (Serviço Nacional de Informações, criado em 1964, para controlar as informações durante a ditadura) não me deixou durante dois anos.

Paulo – Você disse que, desde os 15, já pensava em ser antropóloga. De onde surgiu essa paixão?

Simone – Olha, lendo... Que não entendi nada – olha, como eu era besta! Lendo *A Origem das Espécies*, do Darwin (o inglês Charles Darwin apresenta a Teoria da Evolução das Espécies nessa obra publicada em 1859). É por isso que eu sou apaixonada até hoje pela antropologia biológica. Li e disse pronto! E quando eu vi que era a antropologia que tinha essa parte da evolução, dentro das Ciências Sociais, eu resolvi fazer. E passei cinco anos esperando que tivesse Ciências Sociais aqui. E fiz mestrado em antropologia e doutorado em antropologia, faço questão de dizer.

Renata – Simone, o seu tema de mestrado é a questão da loucura. Na pré-entrevista, você falou que tinha o filme *Um Estranho no Ninho* (filme dirigido por Milos Forman, 1975. Jack Nicholson interpreta um homem que finge ser louco para trocar a cadeia pelo hospital psiquiátrico), que teve influência. Além desse filme, teve alguma outra influência?

Simone – Não, eu saí assim do cinema... Eu me lembro que eu fui com o pai dos me-

ninos... Eu saí impressionada. Eu digo assim: "Eu vou trabalhar com loucura". Mas não sabia como. Depois foi quando eu descobri que existia essa categoria de indivíduos aqui, que eles simulam a loucura pra ter um prato de comida. É pobreza mesmo (*ênfase*). Porque existe uma outra categoria que faz por malandragem, sabe? Eles simulam que são loucos pra ter aposentadoria e depois botar alguma vendinha... Até pessoas que tenham mais posses, botar uma *boutique*, uma coisa assim.

Eles não, é uma necessidade de fome mesmo. Eles desmaiam no emprego, os donos das firmas, os gerentes, mandam procurar o médico, o médico faz os exames e diz: "Você não tem nada". Quer dizer, a fome não é diagnosticada pelo exame. Então, eles desmaiam de fome... Eles tinham dores de cabeça eternas de fome, porque isso tudo a fome dá: dor de cabeça, desmaio, mal-estar... Você não tem nem forças pra trabalhar, e a maioria desses indivíduos que eu pesquisava eram castanheiras. Quando eles iam pro médico, o médico dizia: "Você não tem nada". Claro que não tinha, a doença era fome.

Alguém descobriu essa estratégia de você ficar no hospital psiquiátrico até ter a aposentadoria. Porque, por conta do estigma da loucura, nenhuma fábrica aceitava de volta... Só pelo fato de ter tido uma hospitalização psiquiátrica. Então, quando eles entravam nesse esquema, era um círculo vicioso, eles tinham de ficar até a aposentadoria. Eu pesquisei esses indivíduos no hospital e, quando eles tinham alta, em casa. Como o hospital... Era uma lei do INSS, que na época era até INAMPS (*Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social, que teve as atribuições de concessão de aposentadoria e licença transferidas para o Instituto Nacional de Seguro Social*)... Eles tinham de passar um mês em casa e voltar, não podia ter uma internação antes... Então, eu acompanhava em casa. Via a miséria em que eles moravam. Era as-

sim num morro ali, que nem existe mais... Ali na (*Avenida*) Doutor Theberge, ali perto da (*Avenida*) Leste-Oeste. Que nem existe mais: uma vez eu passei por lá, não tem mais nada, demoliram tudo. Era num chão de areia, coberto de palha, uma miséria, oito pessoas dormindo num cômodo só... Fome, mas fome mesmo! Eu tenho uma frase de uma informante em que ela disse assim: "Lá em casa, a comida é tão pouca que a gente não come, lambe". Olha que frase! E outra assim: "A minha doença é devido a muita fome". E era, eu constatava isso. Não tinha nada de malandragem (*enfática*). Não estou negando que exista outra categoria que faz isso por malandragem. Existe. Mas eu só entrevistei os que faziam isso, simulavam que eram loucos, pra ter aposentadoria, porque não podiam voltar para o emprego.

E demorava pra ter a aposentadoria. Era aquela coisa... A perícia nessa época... Olha que coisa mais paradoxal, mais absurda também! A perícia nessa época não tinha um psiquiatra. (*pausa*) Era aleatoriamente, eles pegavam, davam a aposentadoria ou não... Bastava conversar assim... Era pra ter um psiquiatra na perícia, né? Eram dois ou eram três na perícia, não tinha um psiquiatra... Não tinha!

Natália – Simone, com essa situação, te deu vontade de desistir em algum momento?

Simone – Teve, teve. Eu estava entrevistando um senhor, nunca mais eu esqueço – *seu* Libanho ou era Libério, não me lembro bem. Era um senhor que veio do interior, cara sofrido, sofrido... E era assim: o doutor Jackson Sampaio, que era o psiquiatra... Ele que trabalhava nesses hospitais... Eu trabalhei no Mira y López e no São Gerardo (*nomes de hospitais psiquiátricos em Fortaleza*)... Ele passava os pacientes dele pra mim, sabe? Eles (*os psiquiatras*) sabiam que era simulação, o psiquiatra sabe que é simulação. Mas ele diz, ele bota o rótulo de neurótico, porque, senão, ele não ganha a consulta – olha aí, que escândalo... Eles ganham por produtividade! Então, você entrando no hospital psiquiátrico... É condição *sine qua non* você ter um rótulo. E como a neurose (*sorri*) é a mais branda, digamos, você sai com o rótulo de neurótico.

O Jackson ficava lá, e eu ficava entrevistando... Quando saía da sala dele, eu ia entrevistar. Eu lá com *seu* Libanho, e ele falando, falando... De repente, ele olhou assim pra mim e disse: "Oh, dona" – que eles têm a mania de chamar a gente de dona, ou dona ou doutora – "Oh, dona, o que é que esse seu trabalho vai fazer pela gente?" Meu povo, quando ele disse isso, eu desliguei o

No dia da reunião de pauta, todos ficaram receosos quanto às formas de abordar temática da morte durante a entrevista. A questão, tão comum para Simone, foi levantada por ela nos primeiros minutos com naturalidade.



Ao saber que Simone acredita que vai morrer depois da *Entrevista*, o professor Ronaldo Salgado disse em sala de aula: "Já pensou se ela morre? Vou ter que ir para o divã."

Simone pediu que Lethícia Angelim estivesse presente na entrevista. Lethícia foi colega, no curso de Comunicação, de maior parte dos estudantes que participaram da revista e foi aluna de Simone. Ela hoje cursa Antropologia na UnB.

gravador e disse: “Infelizmente, nada, *seu Libanho*.” Deixei o homem lá, corri pra sala do Jackson... “Vou desistir, que profissão é essa? Eu sei que esse trabalho não vai mudar a vida desse povo!”. Dei uma de Fernando Ferreira: “Essa miséria, como é que a gente vive num país em que a pessoa tem de simular que é louco, mesmo com todo o estigma da loucura!”. E gesticulando e falando... O Jackson tinha a voz bem mansa: “Simone, fala mais baixo e deixa de gesticular, porque, por muito menos do que isso, eu já hospitalizei muita gente” (*risos*). Eu digo: “Jackson, eu aqui em pânico, e tu ainda vem me gozar?!”.

Cleisyane – Falando também da história da escolha do seu orientador, que foi o Roberto Cardoso... (*Roberto Cardoso de Oliveira, antropólogo, foi professor na Universidade de Brasília – UnB, por 14 anos. Morreu em 2006.*)

Simone – ...A maior glória da minha vida! Pense! Ter sido orientanda de Roberto Cardoso de Oliveira, que eu considero a maior autoridade de antropologia que o Brasil já teve... Morreu... Eu fui aluna dele. O sonho (*ênfase*) da minha vida era ser orientanda do Roberto. E, quando eu cheguei lá, as pessoas que estavam lá há mais tempo, inclusive que tinham sido alunos de lá na graduação e estavam fazendo mestrado – tipo o Carlos Versiani (*professor de antropologia no Departamento de Ciências Sociais da UFC*), Carlão, que é lá do nosso departamento. O Carlão disse: “Simone, ninguém chega perto do Roberto pra pedir pra ele orientar”. Fazia parte... Sabe, aquele negócio assim, um acordo tácito? Ele não admitia... Ele daria logo um “não”. A gente tem de esperar que ele se ofereça. Eu digo: “Ah, agora sim”. Porque eu não tinha coragem... Eu sou assim muito desinibida, mas pra essas coisas eu sou a pessoa mais... Morro de vergonha de tudo, morro...

Cleisyane – Aí ele te escolheu?

Simone – Não, bom, ficou aquele drama... Isso é uma coisa muito séria, inclusive, academicamente, porque vocês podem passar pelo que eu passei. Quando eu pedi pro Jackson ser meu orientador, ele disse: “Simone, não posso ser só seu orientador, porque você vai dar uma abordagem antropológica”. O meu material empírico era todo psiquiátrico, mas a tese de mestrado tinha de ter os teóricos da antropologia. Ele disse: “Eu não posso. Procure um antropólogo.” Eu fui procurar o Roque Laraia (*Roque de Barros Laraia, professor de antropologia na UnB*), que tinha sido meu professor também, porque esses outros a gente pode pedir, menos o mestre, né? Como eu chamo, o

mestre (*refere-se a Roberto Cardoso*).

Eu falei pro Roque, o Roque fez o inverso do Jackson: “Simone, o seu material empírico é todo psiquiátrico. Como é que eu vou te orientar? É um psiquiatra que tem de te orientar”. Eu digo: “Não, porque ele está dizendo que tem de ser um antropólogo por conta da abordagem antropológica”. Ele disse: “Não, eu não assumo não, com material psiquiátrico, eu não assumo”. Eu pirei de vez. Antes de trabalhar com loucura, eu já estava pirando, né? Eu estava pra mudar de tema. E eu dizia: “Não vou mudar de tema”, mas eu tinha de mudar de tema. E eu já tinha feito a pesquisa aqui, já tinha entrevistado algumas pessoas por intermédio do Jackson. Daí ele ter dito que ele não podia me orientar sozinho, a não ser que tivesse um antropólogo.

Eu vou passando nos corredores... E ele (*Roberto Cardoso*) era muito amigo do Gegê – sempre o Gegê na minha vida. E a gente estava de férias, eu já tinha terminado tudo, eu fui lá pra resolver, pra falar com um psiquiatra... Eu vou assim no corredor numa tristeza (*ênfase*) atroz e desalmada, como eu falo... Sabe, tenho de mudar de tema... Quando lá vem o mestre, o Roberto Cardoso... Eu já me tremia todinha, bastava ver o homem. Ele me viu, parou: “Ah, como vai? O que é que tá fazendo aqui?” Eu digo: “Ah, Meu Deus.” (*Ele:*) “Como é que vai o Geraldo Markan?”. Eu digo: “Vai bem”. (*Ele responde:*) “Dê um abraço nele por mim”. Ele disse assim: “Você vai trabalhar com o que na sua tese?”. Quando ele disse isso, eu disse: “É agora ou nunca. Eu não vou pedir, mas se ele gostar do tema...” Eu disse... Tremendo toda, eu me lembro como hoje. Eu olhei e disse: “Loucura como estratégia de sobrevivência”. Ele olhou pra mim e disse: “Vamos ali na minha sala conversar sobre isso”. Pronto, entreguei a alma a Deus. Ele sentou, botou os óculos bem aqui assim (*imita, pondo os óculos na ponta do nariz*), olhou pra mim e disse: “Fale, como é que você quer trabalhar com isso?”. Eu disse: “É agora ou nunca, né?” Comecei a falar, mostrando que existia... Não era malandragem, era fome e tudo. Quando eu terminei, ele disse: “Eu posso lhe orientar”. Eu me levantei e dei um grito (*esboça um pulo da cadeira*): “Ai, não acredito”. Depois: “Desculpa”. E ele: “Não, não, fique à vontade”. (*risos*) Foi meu orientador, acidentalmente, nos corredores da UnB... E por conta do Gegê... Que eu disse: “Gegê, até nisso. Porque foi... Ele veio me abordar pra perguntar por você, né?”. Porque, senão, quem era eu? Tinha sido uma aluna dele, nem sabia que ele se lembrava de mim. (*ri*)

Lara Vasconcelos fotografou a entrevista com Simone. Logo que soube da escolha de Simone para a *Entrevista*, Lara adiantou que queria fazer as fotos. Ela também foi aluna de Simone.

Caio – Simone, nessa pesquisa, você estabeleceu um contato mais próximo com seus informantes, que são as pessoas que você pesquisa. E isso acabou sendo uma característica muito latente no seu perfil de antropóloga. Você acha que foi essa pesquisa responsável por isso?

Simone – Não, não, porque eu já sempre fui apaixonada pela antropologia, né? Passei cinco anos esperando ter a antropologia aqui...

Caio – Não, mas eu digo a proximidade com os informantes...

Simone – É que é a técnica de observação participante, que eu defendo até hoje, que infelizmente vai acabar... Que, quando acabar, não é possível que eu não já tenha morrido. Porque, quando ela acabar de vez é daqui a uns vinte anos, meu filho... Se eu ainda tiver viva daqui a vinte anos, não dá mais, ave Maria! Então, a técnica da observação participante, que é exatamente a convivência com o outro, né? Você ficar conversando com ele, vivenciando o cotidiano dele. Isso é o que eu defendo... Que dizem que, futuramente, vai acabar... Porque já estão até criando *netnografia* (refere-se ao método de pesquisa também chamado de *etnografia virtual, que adapta a abordagem etnográfica para o estudo de comunidades do ciberespaço*)... Eu quase morro, quando eu ouvi esse termo! Eu digo: "Não falem disso perto de mim, que eu sou capaz de enganar qualquer um". Porque, enquanto eu viver, alunos meus falam em observação participante. É o único contato... Conviva com esse grupo pelo menos seis meses, conviva com esse grupo, que você vai saber a realidade do cotidiano deles, e esses dados são muito mais fidedignos do que a aplicação de um questionário.

Tatiane – Você chegou inclusive a levar uma garota pra sua casa...

Simone – Trouxe, um menino, um garoto pra cá. E o Francisco Alberto disse assim: "Pronto, agora ela vai trazer todos os filhos de todos os loucos, os pseudoloucos dela!" Mas eu só trouxe esse, passou um tempo aqui em casa, o bichinho. Morrendo de fome, quando eu ia lá na casa dele, entrevistar a mãe dele... O bichinho ficava olhando pra mim, com aquela carinha que a gente via de fome, né? Todos eram com fome, mas eu não sei por que eu me engraçei com esse menino. Trouxe ele pra cá, o Antônio. Mas sumiram, né? Quer dizer, o morro sumiu, sei lá o que foi feito dele. Eu paguei ainda o colégio dele um tempo, dava dinheiro... Depois fui embora, né?

Caio – Simone, essa sua pesquisa não foi publicada...

Simone – Não, o jogo do bicho foi, eu preferia que tivesse sido essa. Porque essa é bonita. Bonita, em termos de ser um trabalho de denúncia muito grande... E nunca foi (*publicada*)... A época da ditadura, né? Depois de eu ter sido presa, contra o INSS, que era INAMPS na época, contra a psiquiatria e contra o governo brasileiro... Tu acha? Tinha nem chance de ser publicada! (*ri*) Depois eu poderia ter feito essa pesquisa, comecei a me decepcionar com tudo e com todos, não fiz mais... Resolvi partir pro jogo do bicho... Você vê que tudo meu são temas estigmatizados. Contravenção, loucura... Minhas paixões são sempre assim... Nada dessas coisas certinhas, muito bonitinhas me empolgam, sabe?

Cleisyane – Simone, ontem eu fui procurar na Internet uma foto sua, porque eu não a conhecia...

Simone – (*interrompendo*) O Orkut, que fizeram, né?

Cleisyane – Não, foi no Orkut não, foi no Flickr (*site para armazenamento de fotografias*). Eu queria saber, porque eu tinha uma imagem diferente, eu queria saber como era você... As duas fotos são muito bonitas! Mas uma coisa que eu achei interessante na foto era a legenda. As duas tinham legendas. Uma dizia assim: "Essa é Simone, uma flor de pessoa, com conteúdo enorme, uma pessoa na academia que acredita que pode fazer e deve fazer diferença no mundo em que vive".

Simone – Menina, que emoção, quem é esse meu fã? Um homem de 60 anos não faz um negócio desses (*risos*).

Cleisyane – Eu vou só terminar... A outra dizia assim: "Essa mulher fica triste por estudar antropologia, a vida e a cultura do homem, e não conseguir mudar o mundo".

"Parece um aviso, parece assim que vocês vão coroar pra minha morte. Agora eu quero todo mundo no meu enterro, porque eu quero o enterro mais badalado desta cidade!"

João também foi aluno de Simone e estava fazendo a entrevista. Simone, ao longo da conversa, costumava fazer referência aos seus ex-alunos presentes no encontro.

Na reunião de avaliação, João confessou que só fez três perguntas porque se distraiu com os salgadinhos e docinhos que foram colocados sobre a mesa.

Na época da produção da entrevista, Simone estava às voltas com a preparação do casamento de Daniel, filho mais novo, com Héliida, nora e amiga. Simone contou que a ansiedade para o encontro com a turma desviou suas atenções do casamento.

São duas frases que parecem contraditórias...

Simone – ...Não. (ri)

Cleisyane – Parece, porque, em uma, ele diz que você acredita que pode fazer algo pelo mundo, mudar, e na outra, que você fica triste por não conseguir mudar...

Simone – ...É, mas isso tu achas contraditório?

Cleisyane – Parece contraditório. Eu acho um pouco. Eu queria saber alguma coisa que você tentou mudar e conseguiu e outra que você tentou e não conseguiu.

Simone – Não, essa tese (*a que aborda a loucura como estratégia de sobrevivência*), se ela tivesse sido publicada, eu acredito que seria um denúncia muito forte, pelo menos abriria os olhos, mas eu acho que mudar não mudaria não. Mudaria não, porque se sabe que existe isso, como se sabe que existe miséria, né? As pessoas passando fome, morrer de fome, mãe vendendo filho... Jogando no lixo etc. Então é uma coisa muito séria. Eu não consegui mudar. Como eu digo que a antropologia é minha decepção, apesar de a minha vida toda ter sido dedicada à antropologia. E agora eu vejo assim... Que às vezes meus alunos dizem assim: "Oh, Simone". Porque eu olho pra trás e digo: o que foi que objetivamente – os antropólogos vão me matar, se sair na revista, eu não me incomodo que saia não –, mas objetivamente, os grandes antropólogos que nós tivemos... Vamos dizer, os contemporâneos, um Lévi-Strauss, um Geertz, Evans Pritchard, agora o James Clifford, Sahlins... (*Claude Lévi-Strauss, francês, 1908-2009; Clifford Geertz, norte-americano, 1926-2006; Evans Pritchard, inglês, 1902-1973; James Clifford, norte-americano, nascido em 1945; Marshall Sahlins, norte-americano, nascido em 1930*) O que foi que eles... Livros maravilhosos, teorias maravilhosas... Você entende a realidade, você entende o cotidiano, você entende as mudanças, você entende isso e aquilo... Mas mudar, o que foi que nós mudamos, antropologicamente falando? Absolutamente nada (*pausa*). Absolutamente nada.

O Alexandre Fleming (*professor de antropologia no Departamento de Ciências Sociais da UFC*) diz: "Simone, também não é assim não". (*Eu digo:*) "Me dê um exemplo! Eu calar-me-ei. Basta um exemplo". De uma pesquisa feita, maravilhosa, de observação participante, numa sociedade dessas, como quando o Evans Pritchard estudou os Azande, estudou os Nuer (*povos da África Central com quem Pritchard conviveu*)... Mudou a situação dos Azande? Não mudou. Muda, em termos das mudanças absurdas,



de genocídio, de etnocídio, como fazem com os nossos índios... Aquela inevitabilidade do progresso...

Darcy Ribeiro! O Darcy Ribeiro foi um dos expoentes da antropologia brasileira (*morreu em 1997*), e Darcy teve tudo nas mãos pra mudar alguma coisa e tentou mudar. Mas, objetivamente, mudou? Não mudou. Aquele livro dele, *Os Índios e a Civilização* (*de 1970*), a denúncia que ele faz, o que é que se fazia nas tribos indígenas... De matar, de jogar estricnina (*substância tóxica que já foi muito usada como pesticida para matar ratos*) na água... Numa tribo do Maranhão... Jogavam estricnina na água pra matar uma tribo inteira. Darcy denuncia isso. Mas o Darcy teve o que nas mãos? O Darcy foi professor... O mestre, Roberto Cardoso de Oliveira, foi aluno do Darcy Ribeiro. O Darcy foi professor universitário, fundador da UnB... Ele chama a UnB de "minha filha". Fundou a UnB, criou a UnB (*a UnB foi inaugurada em 1962*). Depois foi vice-governador do Rio de Janeiro, no governo do (*Leonel de Moura*) Brizola, foi secretário de Cultura duas vezes, foi chefe da Casa Civil do (*ex-presidente*) João Goulart... Quer dizer, ele teve o poder na mão e não conseguiu mudar essa situação... Eu me lembro de umas duas palestras dele que eu assisti, que ele dizia: "Falamos no problema do índio. Índio não é problema, o problema somos nós que não fazemos nada por eles". Isso era a frase do Darcy: índio não é problema. Então, antropologicamente falando, eu não vejo... A minha decepção hoje em dia (*é*) de não ter morrido com cinquenta anos, de não ter feito nada pela antropologia, nem estar vendo as pessoas fazerem...

Allan – Mas, na tua opinião, quais são os obstáculos que fazem com que a antropologia não possa de fato intervir na sociedade?

Simone – Não é só a antropologia não, meu filho, é tudo. Enquanto tivermos esses governos assim, no mundo todo... Senão não existiria mais miséria no mundo todo! Na minha cabeça, não era (*pra existir misé-*

Durante a pré-entrevista, Simone comentou para Thaís e Érico: "Eu tô gostando tanto de conversar com vocês dois... No dia mesmo, vão vir dez, é?", referindo-se à entrevista marcada com toda a turma.

ria). Eu fui criada pra no mundo não existir miséria – ouvindo isso do meu pai o tempo inteiro: acabar com a miséria, com a desigualdade social! Criança passar fome?! É um absurdo criança morrer de fome! E não morre? A maioria dos países do mundo não tem aí as crianças morrendo de fome, as pessoas morrendo de fome?

Tatiane – Simone, apesar disso, o que te fez continuar?

Simone – Era o jeito, né? Já estava lá dentro... (risos) Mas a minha decepção foi recente. Todo o meu marco foi de 2004 pra cá. (Em) 2004, a decepção foi braba mesmo... Quando me deram seis meses de vida, né? Você pára, né? Eu digo: “Agora eu morro, não é possível”. Querendo morrer também. Eu ficava aqui em casa: “Bom, vou morrer daqui a uns seis meses, graças a Deus!”. Sabe? Mas aí? O que é que eu fiz? O que é que a antropologia fez? Comecei a me questionar isso. Comecei a chegar na sala de aula, já não era mais empolgada. Eu não era mais tão empolgada como eu era antigamente... Eu chegava assim, ave Maria! Fazia um auê em sala de aula, só faltava ficar em pé em cima da mesa. Mas é muito raro, eu não me empolgo... Eu me empolgava, ficava em pé, me sentava, andava de um lado pro outro, fazendo aquele auê danado... Hoje em dia, eu digo: “Ah, meu Deus, pra quê?...”

Estou dando só uma disciplina, não tenho obrigação de ir pras reuniões de departamento, não tenho obrigação, não dou satisfação a nada, só com meus alunos... Depois, vou pro bar com eles, né? Faço isso há 35 anos. É o único professor que leva, religiosamente, toda sexta-feira, os alunos pro bar. Até 2004 – tudo é 2004 na minha vida! – eu trazia aqui pra casa, era de dez, doze. Toda sexta e sábado, olha como eu sou...

Érico – Então, a decepção foi a partir de 2004. Mas depois que você termina a dissertação do mestrado, você acreditava que ainda...

Simone – ...Não, ainda era empolgadíssima... Ainda (ênfase). E ainda achava que esse meu trabalho ia ser publicado, mais



“Eu chorava ali, sim, chorando e tudo. Dia das mães... Mas, na frente desses militares filhos da puta, eu nunca derramei uma lágrima.”

cedo ou mais tarde... Ainda achava, ainda era muito empolgada, ainda era muito empolgada... Senão, nem teria feito doutorado. (ri)

Tháís – Simone, e como foi essa transição de sair da loucura para o jogo do bicho?

Simone – Pois é, não dava mais para continuar com a loucura. O que eu queria trabalhar com loucura era aquilo, era a estratégia de sobrevivência. É claro que tem várias outras vertentes dentro da loucura que você poderia abordar. Mas, era aquilo dali que eu queria mostrar. Eu sempre tive uma curiosidade no jogo do bicho... Assim, como é que um País que tem loto, sena, loteria federal, loteria estadual, tudo financiado, sob a égide do Governo, e só o jogo do bicho ser uma contravenção penal? É um absurdo, é uma incoerência, é um paradoxo! Eu comecei a trabalhar com isso, que foi uma luta danada também, né? Não era nem por conta de orientador, foi por conta do tema em si.

O Roberto tinha saído de lá (da UnB), estava na Unicamp (Universidade de Campinas), e Roberto não podia ser meu orientador. Se ele tivesse lá, ele seria (o orientador de Simone foi José Jorge de Carvalho, professor de antropologia na UnB). Eu só fiz ligar para ele, morrendo de vergonha. Mesmo ele sendo meu orientador, eu morria de medo dele, eu morria de vergonha dele. Eu liguei para ele. Eu disse: “Professor, (aqui é) Simone... eu fui sua orientanda.” (Roberto Cardoso falando) “Ah, claro, eu me lembro.” Eu disse: “O que é que o senhor acha de eu trabalhar com jogo do bicho?” Ele disse: “O tema é muito interessante, nunca foi trabalhado, é um fato, é inegavelmente um fato social brasileiro.” Pronto, era só isso que eu queria ouvir. Eu disse: “Pois eu vou trabalhar com o jogo do bicho.” Quando eu fui falar lá em Brasília, teve aquele negócio: “Os antropólogos cariocas morando no Rio, nunca ninguém conseguiu trabalhar com o jogo do bicho. Como é que você vai conse-

Durante a entrevista, a confusão entre os nomes de PCB (Partido Comunista Brasileiro) e PCdoB (Partido Comunista do Brasil) fez Simone gritar: “Pelo amooooor de Deus! PCB! Da linha do Luís Carlos Prestes. Não vão botar ‘do B’ não, porque eu esgano um por um”.

Após a entrevista, Simone ainda fez questão de destacar quanto ao PCB: “Ele defendia a conscientização da população por meio da educação, sem luta armada”.

Simone não gosta de revelar a idade. Mas, durante a produção, ela acabou entregando um cordel que a homenageia e revela o ano em que nasceu. Só depois ela percebeu: "Depois que eu dei o livro, eu digo: 'Putá! Lá está minha idade no livro'".

guir?" É como se dissesse assim: "Como é que uma 'cearensezinha' vai conseguir, né?" Aquilo mexeu com meus brios, tanto profissionais como de mulher. Eu disse: "Pois eu vou! Eu vou trabalhar com o jogo do bicho." Meu orientador fincou o pé que eu teria de trabalhar o mundo dos jogadores, o mundo dos bicheiros e o mundo dos cambistas. No fundo, no fundo, eu acho exagero isso. Eu acho besteira... Poderia ter liberado isso, mas não liberou. Bom, tudo bem, não foi tão fácil trabalhar com o mundo dos cambistas. Mas dos jogadores não, porque tinha jogadores que não queriam dar entrevistas. Mas, como a maioria do povão é que joga no bicho, esse povo de classe baixa é muito mais fácil você abordar do que esses milionários.

Mas, quando chegou no mundo dos bicheiros, foi complicado, né? Teve o lance daqui, foi demorado, mas eu cheguei no Mororó (*Francisco Mororó, fundador e líder do jogo do bicho no Ceará*). Quando eu consegui chegar na Paratodos foi tudo por intermédio, você só consegue essas coisas (*por intermédio*) (*Paratodos é o nome da organização que controla o jogo do bicho no Ceará. O prédio fica no centro de Fortaleza e foi entregue, em março de 2010, para a Superintendência Regional do Trabalho e Emprego no Estado do Ceará*). Não adianta você chegar dizendo com sua cara: "Eu sou antropóloga, sou professora da Universidade Federal do Ceará e quero entrevistar o Mororó". Isso não existe, né? O carinha pede para se retirar. Eu consegui por intermédio de uma prima minha, que tinha namorado o filho de um deles. Aqui, são trinta bicheiros, Mororó é o presidente. Quer dizer, era, porque agora é um absurdo o que está acontecendo, estão acabando com o jogo do bicho aqui (*refere-se às prisões de bicheiros em 2008, já soltos. As investigações prosseguem, e a perseguição ao jogo aumentou nos dois últimos anos*). E, na época, eu dei

**"Oh, dona, o que é que esse seu trabalho vai fazer pela gente?".
Meu povo, quando ele disse isso, eu desliguei o gravador e disse: 'Infelizmente, nada, seu Libanho.'"**

Cheia de amigos e pessoas queridas, Simone lembrou após a entrevista que muitos não foram citados. Fez questão de destacar alguns: Kika e o esposo Carlos Versiani; Evaldo e Felício; Valquíria, Anne e Robério Américo; Erivan e Márcia; Marcus Vinícius.

uma entrevista, saiu bem grande no jornal *O Povo*: "Antropóloga diz que jogo do bicho não acabará!" (*ênfatisa*). Táí, me desmoralizaram no jornal (*risos gerais*). Mas é um absurdo. Mas continua funcionando clandestinamente como sempre foi. Mas agora é mais clandestino.

Pois bem, quando eu cheguei na portaria, não me pediram identidade, não me pediram nada. Eu só disse: "Eu sou Simone, estou esperando." Me levaram no segundo andar. Eu entro em uma sala, uma mesa e aquela plaquinha que tem em mesa, como tem em mesa de diretor, uma plaquinha assim: relações públicas (*risos gerais*). Olha que ironia do destino... Uma contravenção penal com relações públicas, sabe? Só no Brasil mesmo e só dentro do jogo do bicho. E foi ótimo. O *seu* Caio Vilela me deu mil entrevistas, ele deixou eu gravar. Mas eu tinha que chegar no Mororó, porque o negócio era a cúpula mesmo. Depois, eu vim com muito tato, falei para ele: "*Seu* Caio, agora é o Mororó!". (*Caio Vilela falando*) "Minha filha, eu já lhe disse tudo do jogo do bicho! Mororó não tem mais nada para lhe dizer..." Eu disse: "Não, o problema não é esse." Ah, para explicar que eu tenho um trabalho científico, não sei o que, que o meu orientador está exigindo... Depois de muita coisa, eu convenci. Ele marcou. Eu fui.

Eu trabalhei só com três cidades, não dava para trabalhar com o Brasil todo. Então, escolhi Fortaleza, uma das poucas cidades em que ele era totalmente liberado, Brasília, onde eu estava fazendo doutorado, e o Rio, onde o jogo do bicho surgiu, nasceu e onde está a cúpula mesmo, quem controla o jogo do bicho nos outros estados. Bom, quando eu cheguei, ele (*Mororó*) já me falou: "É, o Caio já lhe falou... Mas ele falou que você queria conversar comigo". Eu expliquei. Tudo bem. Um cara muito gentil, porque a gente tem aquela idéia, a gente só tinha aquele estereótipo do bicheiro, cheio de jóias, cheio de pulseiras, né? Mas não. O Mororó com um terno italiano, de Armani (*Giorgio Armani, marca de ternos*) para lá, e *alinhadérrimo* e tudo.

Ele me disse umas coisas que me impressionaram muito. Foram essas frases dele. Ele disse que, primeiro: "Nós somos literalmente independentes do Rio de Janeiro. Nós não dependemos do jogo do bicho no Rio de Janeiro." Dezesete estados dependiam na época. Não sei agora como é que está, com essas mudanças, que são assim... Eu nunca pensei que isso ia acontecer aqui no Ceará, e aconteceu. Mas, nessa época, 17 estados dependiam da apuração do Rio de Janeiro. Ele disse isso: "Nós não

dependemos do Rio." E outra coisa: "Aqui não existe viúva de bicheiro", se referindo à matança que existia entre bicheiro antigamente no Rio de Janeiro. Nessa época da pesquisa, não existia mais, porque o Castor de Andrade (*chefe do jogo do bicho carioca. Morreu em 1997*) dividiu o Rio em oito zonas. Cada um ficou com a sua zona.

Tatiane – E para conseguir essas entrevistas, você fez alguma coisa que não devia ou pensou que poderia fazer?

Simone – Não, porque, qualquer coisa, eu tinha medo. De chegar lá me identificando, era impossível, né? Tinha de dizer que era um trabalho. Foi muito difícil chegar ao porta-voz do Rio. Para depois chegar à cúpula do jogo do bicho de lá. Até que eu consegui. Consegui por intermédio da Rede Manchete aqui, que ainda existia Rede Manchete (*atualmente é Rede TV*). A tese pronta, e o Jorge fincou o pé: "Só se chegar na cúpula!" Eu disse: "Jorge, mas já cheguei em tudo..." (*Jorge falando*) "Menos na cúpula e não adianta, que você não defende." Eu já tinha ido cinco vezes no Rio de Janeiro. Trabalho feito uma louca, atrás de bicheiro, atrás de tudo, e nada, nada, nada. Durante o dia, eu ficava com os cambistas e os jogadores, mas os cambistas diziam assim: "É difícil a senhora chegar lá!" Me dava uma raiva, porque eles não me estimulavam em nada. (*risos gerais*) E eu passava por situações assim, porque eu digo: "Coitado dos pobres de uns cambistas desses..." Porque a maioria tinha sido ex-presidiário. Que é uma vantagem do jogo do bicho, eles dão emprego para ex-presidiários, deficientes físicos, aposentados que têm o jogo do bicho como complementação de renda familiar, todas essas vantagens do jogo do bicho. É isso que eu exploro no meu trabalho! E o imaginário e o simbolismo deles, que é riquíssimo em termos de abordagem antropológica.

Bom, eu aluguei o apartamento, passei quatro meses no Rio de Janeiro e nada! E nada! Eu já estava me desesperando mesmo. A última cartada foi levando uma carta daqui, do diretor da Rede Manchete daqui para a Rede Manchete de lá. Eu defendi a tese em 92, isso devia ser em 91. É, dada (*a carta*) por um ex-aluno meu, que foi aluno de Introdução à antropologia, o Alberto Perdigão (*jornalista, hoje da TV Verdes Mares*). Eu até agradeço na tese a ele, no livro. Então, eu chego lá munida dessa carta. Eu chego lá e pronto: "É agora ou nunca!". A Rede Manchete tinha feito recentemente, recentemente em 91 (*risos*), uma reportagem pegando os bicheiros. Mas era a Rede Manchete, não a pobre de uma antropóloga, que eles não

"Como é que um País que tem loto, sena, loteria federal, loteria estadual, tudo financiado, sob a égide do Governo, e só o jogo do bicho ser uma contravenção penal?"

sabiam nem o que era antropologia... Só que, quando eu cheguei lá, eu falei com o diretor, ele me atendeu muito bem. Eu me sentei na mesa lá e conversamos. Eu falei toda a história. Ele disse assim: "Olhe, nós fizemos um pacto com eles de não dar o endereço da cúpula." Eu falei lá: "Senhor, pelo amor de Deus, a minha vida está em jogo, a minha profissão está em jogo, só falta isso, eu não posso..." Ele viu que eu estava muito apereada, mas não abriu, não abriu. (*Imita a voz do diretor*) "Não posso, foi um pacto que eu fiz com eles." Eu sei o que é também! Eu fiz com eles também algumas coisas que eu não falo de jeito nenhum, né? Quer dizer, até de coisas que eles me diziam...

Pois bem, quando eu fui saindo da sala, assim, arrasada: "Pronto, agora não tem mais jeito. Ou eu convengo o Jorge de defender sem ir para a cúpula ou então, pronto, não tem mais jeito..." (*fala como se estivesse pensando*) Quando eu vou saindo, uma moça, assim da idade de vocês, me chama e diz: "Fui eu que fiz a reportagem! Você não vai dizer que fui eu...", com um papelzinho já na mão. (*Repórter falando*) "Está aqui o telefone do relações-públicas deles." Porta-voz... Lá no Rio, eles chamam porta-voz. Eu quase morro, eu quase morro quando essa menina me deu isso. Ela disse: "Não fala nunca (*ênfatiza*) que foi eu que te dei." Eu disse: "Minha filha, nem sob tortura." Ora, quem foi presa como eu, prestes a não ver mais filho e marido, e não abria... Quanto mais um negócio desse. Não tinha no mundo quem fizesse eu abrir realmente não.

Quando liguei – claro que antes tive de tomar uma dose de uísque para me acalmar (*risos da turma*) –, uma pessoa atende, e eu disse assim... E ela (*repórter*) botou o telefone dele e o nome dele, José Petrus, que o apelido era "Zinho". Uma pessoa atendeu.

Os professores George Paulino, Peregrina Capelo e Alexandre Fleming. O esposo de Juraci Cavalcante, Celso Cavalcante. A relação com Juraci (Jura), inclusive, é lembrada com entusiasmo: Simone é madrinha dos casamentos católico e civil e ainda do filho do casal, Bruno.

As amigas mais antigas, Simone também não esquece: Margarida Furtado e Ariadni Leontsinis. E os irmãos também são lembrados: Sérgio (Tiô), Valéria, Ruth (Bia).

Na pré-entrevista, Simone chora ao falar sobre o apelido "Meu Trafalgar", que recebeu de uma aluna. Durante a entrevista, Simone fala de modo mais contido e racional sobre o assunto.

Eu falei: "Poderia falar com o senhor José Petrus?" Bem, pensando que o homem ia dizer assim: "É uma idiota, né?" Porque é como se você tivesse ligando para uma máfia, querendo falar com o chefe da máfia. Ele disse: "Um momento!" Quando disse "um momento", eu disse: "O cara disse 'um momento'!" (*voz espantada, risos da turma*). Comecei a explicar no telefone. Ele disse: "Me dê seu endereço, onde você está hospedada, me dê tudo." Marcou para amanhã, dia seguinte. Eu quase morro, né?

No outro dia, Ave Maria, nove horas da manhã, eu peguei um táxi, fui para lá, pensando de ser aquela coisa assim... A gente acostumado a ver aquelas coisas dos bicheiros, tudo com muita riqueza, muito luxo, muita coisa. Acho que era também um disfarce, né? Um prédio velho, caindo aos pedaços. Pense, totalmente deteriorado! Eu já comecei a me decepcionar (*risos da turma*). Eu disse: "Valha, meu Deus, será que é isso mesmo? Será que eu estou mesmo no porta-voz dos bicheiros?" (*voz surpresa*) Lá vem um homem de camiseta, sandálias havaianas – uma camiseta de propaganda –, sabe, era o porta-voz. Mandou eu entrar. E eu com o gravador! E já estava com a tese toda pronta, né? Toda pronta! Quando começamos a conversar e tudo. Quando eu falei que era antropóloga, era um trabalho que era muito importante para mim, que só faltava isso, tudo bem, ele disse assim: "Espera aí, minha filha, o que é que antropologia tem a ver com antropofagia?" (*risos da turma*) "Agora, sim, o homem está pensando que eu vou comê-lo literalmente!" (*pensa, risos continuam*) Eu tenho de ter muito tato. Nessas horas, você tem de ter muito tato. Não podia me surpreender com a santa ignorância do pobre, né? Eu digo: "É, não é bem, não tem, não são iguais não." (*risos*) Lá vai dar uma aula de antropologia, mostrando o que era antropofagia para o homem para ele se acalmar.

Depois ele me questionou de uma for-

Quando eu falei que era antropóloga, ele disse assim: 'Espera aí, minha filha, o que é que antropologia tem a ver com antropofagia?'

Após a entrevista, Simone convidou todos para beber e comer. Alguns ficaram na casa de Simone até meia-noite, bebendo e conversando.

ma que eu quase não tinha saída, porque ele achava que eu era da polícia, estava disfarçando. Aquela coisa da cúpula, a mesma coisa daqui. Quando eu falei da cúpula: "Mas eu já lhe falei tudo, a cúpula é impossível..." (*disse José Petrus*) Eu disse: "Zinho, mas é que é muito importante, Zinho. Eu não consigo defender. É uma tese, sabe?" Explicando da forma mais clara possível. Ele mandou eu ir outra vez para falar com os advogados. Quando ele mandou eu voltar lá, ele pediu a tese. Porque eu passava o tempo todo: "Mas isso é um trabalho importante para vocês do jogo do bicho, porque eu estou defendendo como fato social brasileiro e não sei o que, não sei o que." Eu sei que ele levou (*a tese*) para os advogados. Claro que, assim que começou a ler, viu, fechou na mesma hora: "Manda!" (*disseram os advogados*) Eu não sei como não mandaram foi publicar antes de defender, sabe? "Está defendendo!" (*disseram os advogados*) E ele, muito na simplicidade dele, ele mesmo disse (*Zinho*): "É, vou lhe levar na cúpula, vá porque os advogados disseram que você estava realmente defendendo o jogo do bicho como um fato social brasileiro." Eu disse: "Eu não disse para o senhor, eu não disse!" (*risos gerais*) Porra, não estava acreditando em mim, sabe? (*risos*) Pronto, me levou. Só que o Castor estava preso. Mas eu fui na cúpula, era ir na cúpula. E eu morro de elogiar o Castor no trabalho.

Tatiane – Simone, e durante essa pesquisa, você também jogava?

Simone – Joguei só uma vez...

Tatiane – Só uma vez?

Simone – Para ajudar a cambista daqui, a Silvinha, que ela ganhava por produtividade. Nesse dia, ela não tinha feito nada. Me deu uma pena. Era sexta-feira... E eu trabalhando. Eles dizem: "Tem de jogar três dias seguidos!" (*fala batendo na mesa*) Tem de jogar, está dentro do imaginário deles. Eu joguei em uma sexta-feira. Tipo, como se fosse no nosso dinheiro hoje uns trezentos reais para ajudar. Trezentos reais... Era dinheiro como todo! Joguei em uma milhar. Milhar, você ganha quatro mil vezes o dinheiro apostado. Quatro mil! E não tem rateio. Se tiver um milhão de pessoas jogando o mesmo número, você ganha a mesma coisa, porque não tem rateio. Sabe, como tem na loto, na sena, não é dividido? No jogo do bicho, não é dividido, nenhum. E o milhar é o que dá mais. Digamos, se fosse hoje, eu apostando trezentos reais, quem é de cabeça para fazer as contas aí? Quanto é que você ia ganhar? Sozinho, sem rateio e sem pagar imposto de renda, porque é contravenção e não pode pagar imposto de

renda.

Caio – Um milhão e duzentos mil.

Simone – Um milhão...

Paulo – E duzentos mil.

Simone – Pois é o que era para eu ter ganho (*risos gerais*). Não, era dinheiro demais! Os meus filhos só faltaram me trucidar, sabe? Pois bem, foi isso. Eles tinham, isso eu aprendi com eles, a primeira tônica de palpite são os sonhos realmente. Tem uma frase que eles dizem assim, um jogador me falou: "Existe o jogo do bicho porque existem os sonhos". Porque é mesmo, o sonho é a coisa mais importante para eles. Segundo, placa de carro. Terceiro, número de sepultura.

Então, ia passando um carro, e eu sem palpite. Já estava na hora de sair, e eu a vi (*Silvinha*) reclamando: "Vixe Maria, eu não fiz nada hoje. Estava precisando tanto de dinheiro." Me deu uma pena... Eu disse: "Silvinha, então eu vou botar aí!" Como se fosse trezentos reais hoje. Ia passando um carro com a placa 9944. Eu disse assim: "Joga no milhar 9944". Eu dei o dinheiro para ela, ela ficou toda feliz, tudo bem. Não joguei no sábado e não joguei na segunda (*riso irônico*). Deu na segunda. Quando eu cheguei lá, pense aquele clima! Sabe quando você nota que você vai para um canto, que você chega, fica todo mundo se cutucando um no outro, olhando assim. Quando eu cheguei, estava esse clima. Quando eu cheguei, já começou todo mundo a olhando para mim, e ela já toda nervosa. Eu pensei que era porque a Paratodos, não sei, por algum motivo, tinha proibido de eu ficar lá. Porque eu ficava lá com o gravador o dia todinho, eu só pensei nisso. Depois assim de uns quinze minutos que eu vi o clima, eu disse: "Silvinha, está acontecendo alguma coisa. Estou achando tão estranho, está todo mundo olhando para mim, todo mun-

do, e tu está estranha também! O que foi? A Paratodos proibiu de eu fazer pesquisa?" Ela disse: "Não, Simone..." E eu aqui sentada, né? Ela disse: "Eu estou com medo de te dizer..." Eu digo: "Bom, se não foi a Paratodos que me proibiu, nada pode me abalar, né?" Claro! Ela disse: "É porque hoje deu 9944!" Eu fiz: "Meus *saaais!* Meus *saaais!*" (*risos da turma*) Pronto, todo mundo já não entendia nada. Eu fiquei gritando "Meus *saaais!*". Nessas horas, eu sou exagerada mesmo! Perdi de ganhar um milhão e tanto. Fui dizer isso para os meus filhos, eles fizeram conta mesmo, que dava para eu comprar vinte carros zero (*km*). Olha, olha a tortura! Meus filhos também são torturadores! Só são bonzinhos não... Foram fazer as contas de quantos carros zero, eu comprava; quantos apartamentos zero, eu comprava. Zero, não, novinho. Fizeram as contas.

Natália – E qual foi a repercussão da sua tese na comunidade acadêmica?

Simone – Do jogo do bicho? Na (*comunidade*) acadêmica, foi muita inveja. Principalmente dos antropólogos cariocas, né? Roberto Damatta (*renomado antropólogo brasileiro, autor, entre outros, de Carnavais, Malandros e Heróis*), então, só faltou morrer, né? Eu me lembro que o Daniel Lins, aquele que era professor daqui (*da UFC*) e está aposentado, disse que encontrou com ele em um congresso. Disse assim: "Você viu a Simone trabalhando com jogo do bicho?" Porque ele (*Roberto Damatta*) não trabalhava com todos os fatos sociais brasileiros? Com Carnaval, malandro, futebol... E nunca tinha se aventurado no jogo do bicho. Vai uma "cearensezinha", se aventura, ele quase pira, né? O Daniel Lins disse que tinha chegado perto dele e disse: "O senhor viu uma colega nossa, lá do Departamento?" (*Imita fala áspera de Damatta:*) "Você já é a sétima, oitava pessoa que vem me di-

O aspecto da morte é uma constante na fala de Simone: a todo o momento ela fala do desejo de morrer. No avião, por exemplo, ela torce para que algum acidente aconteça.



Em termos de denúncia, Simone diz que prefere o trabalho da loucura. A grande frustração é que esse não tenha sido o trabalho publicado em livro. Ela queria mais até do que o do jogo do bicho.

Simone empolga-se bastante ao falar do dia em que Roberto Cardoso de Oliveira aceitou ser orientador dela. É uma das maiores alegrias da vida acadêmica da professora.



zer isso! Eu já sei!" (*risos da turma*) Com ódio, sabe?! Aí, inventou imediatamente. Pegou uma pobre de uma orientanda dele e fez aquele livro *Águias, burros e borboletas* (publicado por Damatta em 1999, em co-autoria com Elena Soárez), que não tem nada. Não tem nada! (*risos gerais*) Mas ele não queria ficar por fora, mas foi depois. Ele não se conformou. Quando saiu o livro, eu disse assim: "Vai ter uma briga acadêmica, porque se ele não me citar... É o único trabalho científico, é o meu." O dele foi depois e não tem nada a ver com jogo do bicho. Eu disse assim: "Se ele não me citar, vai ter uma briga acadêmica, porque não vai ser nem eu quem vai brigar com ele, mas o Jorge, meu orientador, né?" Me disseram assim (*que*) chegou o livro do Roberto! Eu saí correndo (*para comprar o livro*). Atrás na bibliografia, pá pá pá (*faz o som passando as páginas do livro*). Estava! Eu disse: "Pronto, pelo menos, me citou, né, na bibliografia." Claro que, avidamente, na maior sofreguidão, eu fui ler o livro. Ele me cita 17 vezes. (*risos da turma*) Pronto! Eu digo: "Agora, sim!" (*forte gargalhada*)

Renata – O fato de você defender a não-perseguição do jogo do bicho teve alguma repercussão negativa, por exemplo, contra você? Alguma crítica, socialmente?

Simone – Teve! Dizendo que eu estava sendo muito neutra, que eu estava usando de uma neutralidade científica, chamada, muito grande. De não ver esse outro lado do jogo do bicho, sempre dizem, de crime

organizado, disse tudo. Mas eu disse: o que eu me propus foi falar do jogo do bicho, desde a hora em que ele foi criado até o mundo dos cambistas, o mundo dos jogadores e o mundo dos bicheiros. Então teve essa cobrança. Inclusive, na hora da defesa. E eu falei, não dava, eu não teria condições de fazer um trabalho se eu fosse abordar isso aí e a minha proposta não foi essa. A minha proposta foi mostrar a história do jogo do bicho, já que foi o primeiro trabalho científico sobre o jogo do bicho. E aí, pronto, foi tudo bem, sabe? Eu dei reportagem para jornais do Brasil todo. E dei palestras também no Rio, em Brasília, Niterói, Belém, São Luís. Em todo canto, eu estava falando sobre o jogo do bicho.

Cleisyane – Simone, mesmo já estando aposentada, você diz que vai dar aula até morrer! Essa disciplina, dia de sexta, de oito às doze, *Tópicos especiais em antropologia*... Eu queria saber: é por amor ao magistério, à antropologia ou por que você acha que vai morrer logo?

Tatiane – Ou por amor aos alunos?

Simone – É... Os alunos, eu acho que pesa mais. Primeiro, acho que vou morrer agora. Então, depois que me convidaram para esta entrevista... Eu acho que é para fechar a minha vida, sabe? (*risos da turma*) Não é possível! O Daniel casando, não vai mais ficar aqui só. Esta entrevista... Pensa que eu não estou esse tempo todinho pensando: "Olha, está tudo se encaixando, sabe?" O Daniel já vai casar, eu pensei que ele só casasse quando eu morresse, né? Mas já vai casar. Esse convite para fazer parte desta revista maravilhosa, sabe? E teve outras coisas. Eu disse: "Pronto, está tudo se encaixando para eu morrer esse ano, né?" Mas esse lance dessa disciplina, é porque eu não quero perder o contato com os alunos. Eu realmente me dou muito bem com eles. Todo mundo sabe ali. Eu tenho isso com os meus alunos. As declarações que eles fazem, as coisas que eles fazem, eu mostrei para eles (*olha para Érico e Thaís, equipe de produção*). Depois, eu quero que vocês vejam. Alunas como a Jura, que é a Juraci Cavalcante, lá da (Faculdade de) Educação, que é uma referência em educação no Brasil e na América Latina toda. Ela foi minha aluna há 35 anos e é minha amiga até hoje, até hoje! É a única aluna minha, a única aluna, que mantém uma amizade assim de cotidiano, até hoje. Eu digo: "Jura, tu já me superou quinhentos anos-luz. Tu é dez mil vezes melhor do que eu em termos de dar sociologia da educação." (*Juraci falando*) "De jeito nenhum, você é a mestra, a minha mestra eterna." Eu não sou nada! É

Quando o filho Dráulio estava com 17 anos, morando em Minas Gerais, Simone foi convidada para fazer o doutorado na Universidade de Paris VII. No entanto, Dráulio deixou para dizer que não queria ir no último momento.

porque ela tem adoração a mim.

Tatiane – Simone, essa sua relação com os alunos é bem vista na universidade? Os professores comentam?

Simone – Eles têm inveja! Têm inveja, comentam... De levar alunos para bar, então? Há trinta e cinco anos... Morrem de inveja, porque os alunos não fazem esse auê todo (*com os outros professores*). Eu me lembro que, uma vez, eles fizeram uma coisa lá, tipo uma faixa, para eu ser coordenadora. Que eu nunca aceitei! Eu sei que, por conta disso, de levar os alunos, muitos criticam. Se fosse errado, eu não era tão querida por meus alunos há trinta e cinco anos! Que eu levo toda sexta-feira. Agora, não trago mais aqui para casa, mas vou para o bar. Ficam lá até de noite. Às vezes, a gente fica até oito horas da noite, sabe? Seis da noite, quatro da tarde, cinco da tarde, e é normal. E alunos... Eu acho a coisa mais linda... Que foram meus alunos há quinze anos, que passam lá. Que eu nem me lembro mais do nome e tudo (*risos gerais*). “*Professooora!*” (*imita os alunos*) Ai, meu filho, eu disse para eles: “Eu vou me aposentar.” Eles fizeram o maior auê quando eu disse que ia me aposentar. Eu disse assim: “Não, eu fico dando essa cadeira, que é para quem gosta de antropologia.” Mas mesmo quem não gosta faz também, né? Até eu morrer, sabe? Dia de sexta, de oito às doze, que é para depois ir para o bar às doze. Eu combino a cadeira com eles, sabe? Os livros que a gente vai ver. A Thaisinha fez essa cadeira. É ótimo! São os livros maravilhosos, a gente muda, sabe? Só que, uma vez, eu fui cair na besteira de chamar para a gente discutir um texto aqui, bebeu tudo e não discutiu texto nenhum. Só fez beber! Dois dormiram aqui,

“Os professores têm inveja! Têm inveja, comentam... De levar alunos para bar, então? Há trinta e cinco anos... Morrem de inveja, porque os alunos não fazem esse auê todo (*com os outros professores*)”

dormiram, capotaram, e ninguém discutiu texto nenhum. Eu digo: “Não, lá em casa não pode mais não...”

Thais – Para fechar, Simone, vamos retomar a questão da liberdade, que é a questão mais forte. Você teve liberdade com os pais, com os alunos, com os filhos, no casamento, liberdade de falar sobre tabus, como a morte, como...

Simone – ...É, isso eu falo em sala de aula. Isso, às vezes, eu até extrapolo.

Thais – Como drogas. Você tem a liberdade de chegar em sala e falar sobre a novela das oito, como, no caso, você fala.

Simone – Falo.

Thais – Mas tem uma coisa que você não teve a liberdade, que foi a questão de viver um relacionamento com uma mulher por questão da orientação sexual.

Simone – Não. O lance, Thaisinha, foi assim... Ela era apaixonada por mim, né?

Thais – Eu queria que você contasse e até falasse da questão do apelido.

Simone – Ela foi minha aluna. Quando ela foi minha aluna, eu tinha uns 30 anos, e ela já tinha mais de 40, uns 50 já. E ela era homossexual a vida toda. Ela nunca teve um relacionamento com nenhum homem. Mas ela se apaixonou por mim de uma forma muito séria, de sofrer. E ela, quando me disse, eu disse: “Olha, eu não tenho nenhum preconceito, mas eu não consigo ficar com mulher... Eu não tenho...” (*A mulher disse:*) “Mas você não é tão livre?” Naquele negócio: se é livre, então vai fazer tudo. Eu disse: “Mas eu não consigo, eu não me imagino tendo um relacionamento com uma mulher. Uma mulher me abraçando, me beijando, eu não consigo.” E, pronto, o tempo foi passando, e ela resolveu me chamar de “Meu Trafalgar”. Sabem o que é isso, né? Da batalha do Nelson, que achavam que nunca ele ganhava. (*Batalha de Trafalgar, batalha naval em que França e Espanha confrontaram a Inglaterra, em 1805. A esquadra inglesa era comandada pelo almirante Nelson, que venceu a batalha contra uma esquadra numericamente superior*). Porque ela achava que, um dia, eu ia ceder. “Você vai ceder, você é meu Trafalgar.” E ela morreu... E eu não cedi.

E, quando ela estava morrendo no HGF (*Hospital Geral de Fortaleza*) – eu estava inclusive no bar –, ligaram para o orelhão do bar. Ligaram, sabe, um telefone urgente: “Venha correndo, que ela está morrendo no HGF.” Eu saí correndo do bar. Eu saí correndo para o HGF, e ela já estava quase morrendo. Ela só fez apertar a minha mãe, disse: “Meu Trafalgar” e morreu. Então, isso foi uma coisa que me abalou. E depois eu

Ele estava apaixonado por uma menina. Então, falou para Simone: “Nasci e me criei ouvindo você falar que amor é a coisa mais importante do mundo. Eu estou apaixonado e não vou.” Simone deixou de ir por causa do filho.

Simone, na falta da babá Graça, deu coca-cola para o filho, pois não sabia preparar o mingau. “Meu filho nunca teve trauma por causa disso. Morreu? Não morreu! Chorou? Não chorou!”, diz.

Durante a produção da entrevista, a equipe tinha o cuidado de não telefonar para Simone durante a novela das oito, da Rede Globo. Simone é viciada! "Quem liga, não me conhece", diz Simone.

soube que ela nunca, depois que se apaixonou por mim, teve outro relacionamento com outra mulher. Ela ficou sempre achando que eu ia ser o Trafalgar dela, que eu ia terminar cedendo. De passar, pelo menos, uma noite com ela. Hoje em dia, eu mais velha e tudo, eu digo assim: "Eu podia ter cedido! Não ia me cair os pedaços, não era? Eu podia ter cedido!" Tem horas que eu fico me questionando isso: "Por que é que eu não cedi, se, para ela, era tão importante?" Se eu tivesse cedido, ao menos dizia assim: "Fecha os olhos, estou imaginando que é um homem que está me pegando, né?" (*risos da turma*) Pronto, seria muito diferente, mas aquela coisa... Porque eu sou muito aberta para essas coisas mesmo. Mas eu não conseguia. Mas, se eu tivesse cedido, talvez isso não tivesse alimentado nela uma coisa pior? Ela iria sofrer muito mais, não era? Então, eu não sei. Eu sei que ela morreu apertando minha mãe, dizendo "meu Trafalgar". E morreu. Mas ela era apaixonada... Porque eu já tive muitas alunas minhas, e mesmo sem ser alunas, apaixonadas. Eu não sei, sabe? Apaixona! Por causa desse meu temperamento, por causa da sua liberdade, por conta de tudo você achar natural. Então, já que tudo eu acho natural, ter um relacionamento homo seria a coisa mais natural para mim. Mas não é! Porque eu não consigo, eu não consigo. Eu não consigo fazer só para dizer assim: "Fiz!" Para dizer que já transei com homem, com mulher, com tudo, isso não faz meu gênero não, né? Eu sou hetero e pronto, acabou. Tive milhares de relacionamentos. Perdi a conta. E estou atrás dessa exceção. Ave Maria, se conhecerem essa exceção – homem de mais de 60 anos, que me deixe beber e fumar – porque é difícil... (*risos*). Mas essa coisa, Thaisinha, foi uma coisa que me perturbou muito. Eu digo: "Será que eu devia ter cedido ou não ter cedido?" Mas, depois, eu acho que não. Foi bem feito eu não ter cedido mesmo, sabe? Ela me ligava todo dia dos namorados: "Você é minha namorada eterna. Eu estou ligando no dia dos namorados. Meus parabéns!". Também dia de Natal. Isso durante mais de 30 anos! Mais de 30 anos! (*Silêncio*) Paixão brava, paixão brava...

Simone preocupava-se bastante com as fotos que Lara batia. A entrevistada não se considera fotogênica e pediu cuidado à equipe de produção na escolha das imagens da revista.

